FARO 2027

E AGORA?

FARO 2027,
E AGORA?

Titulo
Faro 2027, e agora?

Coordenação Editorial
Faro 2027 – Candidatura de Faro a Capital Europeia da Cultura

Propriedade
Teatro Municipal de Faro / Município de Faro

Edição
Epopeia Books™ | www.epopeia-books.pt

Coordenação da publicação
Andreia Fidalgo e Gonçalo Duarte Gomes

Apoio à coordenação da publicação
Tiago Candeias

Tradução
Inpokulis Traduções

Design Editorial
Epopeia Brands™ | www.epopeia-brands.pt

Impressão
Gráfica Comercial

ISBN
978-989-54167

Depósito Legal
495707/22

Um Projecto

faro 2027 EUROPEAN CAPITAL OF CULTURE CANDIDATE CITY | Faro | Teatro das Figuras T.M.FARO

A candidatura de Faro a Capital Europeia da Cultura em 2027 convidou a Andreia Fidalgo e o Gonçalo Duarte Gomes para coordenar a edição de um conjunto de artigos de opinião que foram fundamentais para centrar o pensamento conceptual sobre as temáticas da candidatura.

Depois de um alargado e múltiplo processo de auscultação pública que passou pela realização de muitas conversas de rua, entrevistas, focus group e um conjunto de outros formatos, esses contributos foram compilados e sistematizados dando origem a linhas temáticas orientadoras.

Durante vários meses, a equipa Faro 2027 manteve um diálogo intenso e profícuo que procurou, numa fase inicial, testar essas linhas temáticas com visões de fora para dentro, questionando que papel pode ter um território como o Algarve na Europa, e posteriormente, quase em jeito de diálogo escrito, foi pedida uma visão semelhante numa perspectiva no sentido oposto, de dentro para fora.

Vários destes textos foram realizados depois de muitas horas de conversas que geraram inúmeras reflexões que se revelaram fundamentais para centrar as temáticas trabalhadas em sede de candidatura. Matérias como a interculturalidade; as alterações climáticas; questões sociais e culturais em torno do turismo e até mesmo pobreza escondida na região; ou ainda matérias relacionadas com a construção de cidade num destino de turismo massificado, foram algumas das questões abordadas.

São textos que nos fazem refletir, tendo como pano de fundo a cultura e a criatividade. O título escolhido pelos coordenadores da publicação é uma convocatória para a ação. Uma ação que nos convoca a todos.

O Município de Faro, através da candidatura Faro 2027, agradece a todos os envolvidos nesta publicação.

Índice

A linha que une.
Bruno Inácio & Tiago Prata _ 9

Em busca de uma capital
Andreia Fidalgo & Gonçalo Duarte Gomes _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ 13

Das Capitais à capital
Andreia Fidalgo & Gonçalo Duarte Gomes _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ 18

Quando a música começar, esqueça as cadeiras
Goran Tomka _ 20

Capitais Europeias da Cultura: corrida desenfreada ou ponto em comum?
Pascal Gielen _ 24

Reflexões sobre Faro2027
Ragnar Siil _ 28

Última semana de Março de 2021
Uma EscriTa paulatina
Para o Empregado Bem-parecido no Lado Oeste
De um turista sentado numa cadeira flutuante sobre a água no lado Oriental do Mediterrâneo
Junaid Sarieddeen _ 36

Faro no seu espaço e no espaço dos outros
Andreia Fidalgo & Gonçalo Duarte Gomes 44

Um olhar pelo Algarve
Luís Filipe Oliveira 46

O Norte do Sul. O Norte no Sul. O Sul com o Norte.
Mike van Graan 50

A Norte ou a Sul do mundo? Encruzilhadas de um país e de uma cidade
João Peixoto 56

Faro, lugar de encontros ...
João Pedro Bernardes 62

Faro é o Norte do Sul ou o Sul do Norte?
Raquel Carvalheira & Joana Lucas 66

Floating Spaces: uma oportunidade de urbanismo inclusivo em Faro
Jone Belausteguigotia Garaizar 70

Do Turismo à Cultura: metamorfose desejável?
Andreia Fidalgo & Gonçalo Duarte Gomes 80

Faro: De capital turística a capital da cultura?
Greg Richards 82

Faro Capital Europeia da Cultura 2027: Um projeto integrador e temporalmente consistente, que engloba pessoas e entidades regionais
Saúl Neves de Jesus 88

Um Mar Novo, um novo Algarve, um novo caminho
Alexandra Gonçalves 94

Capital Europeia da Cultura: uma oportunidade para um destino turístico de Sol e Mar
João Filipe Marques 108

Da Cultura e da Arte
Mirian Nogueira Tavares 116

O futuro somos nós
Andreia Fidalgo & Gonçalo Duarte Gomes 124

Dar & Receber
Sobre a procura por equilíbrio
Michal Hladký 126

Reflexão
Luís Miguel Nunes 132

Desafios futuros da cidade de Faro e ecossistemas envolventes no âmbito da CEC 2027: Natureza - Atividades sustentáveis - Arte - Para todos
Alexandra Teodósio _ 140

Faro: uma cidade apetecível
Manuela Rosa _ 146

Bruno Inácio

Coordenador do processo de candidatura de Faro a Capital Europeia da Cultura 2027. Dirige a Divisão de Cultura do Municipio de Faro. Tem formação em Marketing e Sociologia.

Tiago Prata

Gestor cultural, jornalista e empreendedor, especializado em cooperação transnacional e projectos europeus. Desenvolveu iniciativas culturais em parceria com mais de 25 países na Europa e Médio Oriente.

Prefácio

A linha que une.

A linha que separa o mar da terra: é água, ou terra? Nem uma nem outra (apenas), sempre o contacto entre ambas. Também as identidades de cada lugar se definem por contacto e não por segregação, sempre que existe dialogo entre o seu passado histórico e o seu potencial futuro durante processos de desenvolvimento no presente.

Parte da candidatura a Capital Europeia da Cultura em 2027 dedica-se a redescobrir e reinventar Faro e o Algarve como pólos de cultura e cidadania europeia. Este processo olha para Faro e o Algarve não como fenómenos contidos em si próprios, mas como integrando um lugar e comunidade maiores - vendo-os como parte única de um contexto europeu e global que também é agente e beneficiário do desenvolvimento que aqui acontece.

Desta forma, torna-se imprescindível que essa redescoberta e reinvenção sejam parte de um diálogo criativo transnacional e intercultural. Uma conversa aberta que inclua as perspectivas de todos aqueles que partilham Faro, o Algarve e a Europa: nativos e visitantes, especialistas e populares, do mais próximo ao mais distante.

Uma visão de futuro criada de fora para dentro seria sempre pejorativa para a nossa agenda local em que opiniões externas e como tal menos contextualizadas seriam hipervalorizadas. Uma visão de futuro criada

de dentro para fora poderia limitar o seu alcance e capacidade, ao manter-se presa a dogmas e localismos de que todos somos criadores e vítimas. Ambas seriam insuficientes para o desígnio da candidatura, e perante a proposta de diálogo feita no presente livro, cuja mais valia é a de fazer Faro e o Algarve confrontarem-se com perspectivas novas, e fazer-nos pensar além dos lugares comuns. Ao mesmo tempo, obriga a Europa, o Mediterrâneo e outras latitudes a re-interpretar a sua relação connosco, além da imagem de destino turístico que actualmente domina a "consciência de marca" sobre Faro e o Algarve.

São esses os propósitos das conversas assíncronas que se seguem. O critério de seleção das vozes a apresentar favoreceu: primeiro, a relevância do trabalho e pensamento de cada autor relativamente aos tópicos a discutir; segundo, o alcance geográfico e cultural do colectivo de vozes representadas; e terceiro, a busca de diversidade (de género, idade, etnicidade) e interdisciplinaridade. Sempre ao serviço do objectivo principal: a qualidade dos contributos e o seu potencial para inspirar o desejado diálogo colectivo sobre Faro e o Algarve como possível capital cultural da Europa.

Assim se juntaram vozes das artes e sociedade civil, como Junaid Sariedeen (Líbano), Mike Van Graan (África do Sul); líderes de pensamento sobre turismo, cidades e arquitectura como Greg Richards (Holanda), Pascal Gielen (Bélgica), Jone Belausteguigotia Garaizar (Espanha); e peritos culturais activos a nível pan-europeu como Ragnar Siil (Estónia), Goran Tomka (Sérvia), e Michal Hladký (Eslováquia) a vozes que tem marcado o ritmo do nosso pensamento colectivo a partir do Sul com base no desenvolvimento de conhecimento que a Universidade do Algarve tem realizado, como Luís Filipe Oliveira, João Bernardes, Saul Neves de Jesus, Alexandra Gonçalves,

João Filipe Marques, Mirian Nogueira Tavares, Luís Miguel Nunes, Alexandra Teodósio e Manuela Rosa.

Por de trás dos nomes e dos textos estão igualmente muitas, centenas até, de horas de conversas e debates com estas pessoas e outras que não fazendo parte desta colectânea também foram importantes. Não é pois de estranhar que tenha sido neste textos que encontramos a inspiração, o conhecimento e a dúvida que nos permitiu avançar, criar caminho e clarificação para o que viria a ser a base conceptual da candidatura apresentada à fase de pré-selecção para a obtenção do titulo de capital europeia da cultura em 2027.

Com este naipe de excelência pedimos à Andreia Fidalgo e ao Gonçalo Duarte Gomes que aceitassem a tarefa de organizar esta coletânea dos textos, porque entendemos que este conhecimento deve ser de um público mais amplo para que este se torne parte do diálogo. Daí que a pergunta que colocam na capa, que nos convoca para o futuro, seja tão pertinente.

Este não é (nunca quis ser) um fim. É um processo. Com erros e omissões que ainda que não deliberadas devem ser reconhecidos/as. Mas é um processo. E é essa dimensão, a de "algo em contrução" que queremos valorizar.

Que esta publicação seja potenciadora para esse valor futuro.

Andreia Fidalgo

Doutorada em História pelo Instituto Universitário de Lisboa (Iscte-IUL), é actualmente Professora Auxiliar Convidada na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve e investigadora do CIES-Iscte. Tem desenvolvido investigação sobre a História do Algarve durante a Época Moderna, muito centrada nos finais do Antigo Regime e nas políticas reformistas do Iluminismo, nos seus impactos e repercussões socioeconómicos.

Gonçalo Duarte Gomes

Arquitecto Paisagista, com experiência em várias áreas de actuação profissional. Desempenhou vários cargos em estruturas associativas de ambiente nacionais e regionais, é investigador do CHAIA / Universidade Évora, orador e moderador em eventos nacionais e internacionais, colaborador regular na imprensa, com artigos de investigação e divulgação publicados em vários países, tem no Algarve tema preferencial de reflexão.

Em busca de uma capital

Faro é, oficialmente, cidade candidata a Capital Europeia da Cultura 2027!

Mas, o que quer isso dizer, se é que alguma significância isso tem?

O geógrafo francês Maurice Le Lannou teorizou um dia que "as cidades são o fermento das regiões". Esta felicíssima metáfora condensa, numa única frase, o papel crucial que as cidades desempenham na vida e desenvolvimento da paisagem.

Será então que Faro, através do processo de elevação a Capital Europeia da Cultura, aspira tornar-se o fermento do Algarve?

Mas, antes disso, o que é ser uma Capital Europeia da Cultura? Já agora, o que é isso, "da Cultura"? E ser capital?

Qualquer tentativa de dizer o que é "Cultura" encontra uma dificuldade fundamental: é ideia de difícil definição, que tampouco engloba somente um sentido. É um conceito polissémico, e ainda que nos pareça remeter para um sentido de unidade, é, na realidade,

um conceito absolutamente plural e vasto. Façamos o exercício de olhar para as raízes desse conceito na Europa Moderna, altura em que começam a surgir os primeiros dicionários vernaculares. Tomando como exemplo o Dicionário de Raphael Bluteau, dos inícios do século XVIII, encontraremos, aí, a "cultura" definida como *"o modo, a arte, a acção de cultivar a terra"*, remetendo-nos para a etimologia da palavra, que deriva do latim *culturae* e surge associada originalmente ao cultivo da terra. Progressivamente, o conceito transformou-se para designar também *"cultivo do espírito"* - ou, melhor diríamos, do intelecto - e, por isso mesmo já o encontramos aí associado à *"cultura das artes"* e à *"cultura das ciências"*. Uma centúria depois, já se assume a definição de *"cultura do entendimento"*.

Esta breve incursão às raízes da palavra não é, de todo, despicienda. Recorda-nos que, tal como a terra, também o espírito se cultiva e só assim pode crescer; remete-nos para o ser individual, mas cuja cultura se constrói num mundo muito mais vasto e no domínio do colectivo de uma sociedade/comunidade. E que domínio é esse, afinal? Será legítimo falar, nos dias de hoje em que as que fronteiras são tão maleáveis, numa cultura farense, ou algarvia? Ou sequer numa cultura portuguesa? Num mundo global, como se define cultura? Será lídimo assumir que não existe Cultura, no singular, mas sim Culturas, no plural, que se interligam, conectam. Culturas que, e porque operam no intelecto, transformam o indivíduo e a sociedade e são decisivas para o progresso.

À globalização associa-se, também, a ideia de uma cultura que se democratizou e se tornou muito mais acessível na Contemporaneidade, do que o era aquando da primeira definição do conceito no primeiro dicionário da língua portuguesa. Se em períodos anteriores, e

durante muito tempo, a cultura estava restrita a uma elite intelectual e ao domínio do que poderíamos definir como "alta cultura" (formas e expressões eruditas), actualmente, a cultura é previsivelmente acessível a qualquer indivíduo, em qualquer parte do mundo. No entanto, podemos sempre questionar, que cultura é esta, afinal? E uma tal evolução, representa avanço ou retrocesso? Ademais, se anteriormente as elites detinham um papel fulcral na definição da cultura - impondo-a, se necessário, às bases - serão os actuais tempos, em que se inscreve Faro candidata a Capital Europeia de Cultura, uma forma de transformar definitivamente esse paradigma, conferindo um maior, mais activo e mais envolvente papel à comunidade enquanto todo?

Se a Cultura é, na sua base, transformadora - do indivíduo e da(s) sociedade(s) interconectada(s) - e promotora de desenvolvimento, a grande questão que podemos colocar e acerca da qual devemos imperativamente reflectir é: que cultura queremos, afinal, para Faro, Capital Europeia da Cultura em 2027? Que transformações podemos/devemos esperar? E, face ao exposto, pode a Cultura ser circunscrita numa Capital, ainda que Europeia?

Num exercício semelhante ao anterior, se procurarmos na Modernidade a definição primordial de "capital", encontraremos a associação desta palavra a *"principal"* e *"o que é como a cabeça, princípio e fonte, de onde outras coisas se originam, ou em que outras coisas se encerram"*. A palavra tem origem etimológica no latim *capitale*, ou seja, *"cabeça"* - sentido que, de resto, ainda assume nos dias de hoje. É já na viragem para a Contemporaneidade que este conceito se assume de forma mais plena como *"a cidade principal de algum Reino ou Estado"*. Esta busca pelas raízes conceptuais ajuda-nos a assentar os pés na terra: a

capital não está isolada num território; antes pelo contrário, a capitalidade incumbe quem a assume, de inspirar o território que representa.

Aquando da sua vigência enquanto Capital Nacional da Cultura, em 2005 e sob o comissariado de António Rosa Mendes, Faro dinamizou uma filosofia programática em que não se constituía como fim em si mesmo, mas antes como âncora de toda uma rede de eventos culturais, que originou uma abrangência regional dos proveitos da candidatura. Foi, então, a cidade principal do "Reyno de Portugal e do Algarve", assumindo, ainda que fugazmente, o papel da capital como ponto focal de concentração e distribuição.

Desde então, mais de década e meia passou. Em 2027, mais de 20 anos separarão a capitalidade cultural de Portugal de uma desejada centralidade cultural europeia, convergente em Faro.

O que representará hoje, para a cidade, esta candidatura e, como se deseja, a atribuição do título? Se vir o seu objectivo alcançado, como poderá Faro tornar-se palco de palcos? Mais, conseguirá novamente ultrapassar os seus limites físicos e administrativos, e ser palco da região que, por sua vez, se torna também palco para a sua capital?

Qualquer projecção do futuro do Algarve não pode alhear-se da reflexão e discussão do papel que a capital pode e/ou deve desempenhar, principalmente numa região de grandes idiossincrasias e complementaridades geográficas, cujo total não se obtém pela mera soma das partes. Também por isso, a candidatura de Faro a Capital Europeia da Cultura reveste-se de importância... capital.

Principalmente numa lógica de sistemática compreensão das vantagens de uma verdadeira coesão regional, que deve passar a integrar uma cultura mais profunda, sistematizada

em acções perenes, que ultrapassem a mera circunstância de grandes eventos agregadores.

E que Cultura veiculará esta Capital?

Num momento em que a própria Europa se discute, no quadro do seu projecto social das últimas décadas, e na relação com os outros, concretamente os vizinhos da margem Sul da Bacia Mediterrânica, será Faro, caso vença, o centro da vida cultural de toda a Europa. Revelando o que nos une, mas também o que nos distingue, numa mistura rica que a diversidade e a partilha apenas podem enriquecer. Faro, que por vezes aparenta enfrentar um síndrome da página branca na construção do seu futuro, conseguirá assim definir um rumo para si, para a região que administrativamente lidera, e também para a Europa em que se insere, e que na cidade terá a atenção focada? E nesse processo de trocas, que espaço há para a afirmação da identidade local?

O presente livro pretende abrir à comunidade a reflexão em torno destas e de muitas outras questões, possíveis de suscitar através da candidatura de Faro 2027. Para esse efeito, foram convidadas 20 pessoas, que representam 20 experiências totalmente distintas. A partir de diferentes pontos - geográficos, culturais, sociais – convergem sobre um tema: Faro e a Capital Europeia da Cultura. Não fazem apologia, nem promovem apostasia. Pensam e convidam a pensar sobre um processo.

O que é, o que foi, o que pode ser, e qual o papel que uma distinção como a de Capital Europeia da Cultura pode representar.

Para Faro. Para as suas gentes. Para o Algarve. Para Portugal. Para a Europa.

Das Capitais à capital

1. Goran Tomka
2. Pascal Gielen
3. Ragnar Siil
4. Junaid Sarieddeen

O que é uma Capital Europeia da Cultura? O que representa, enquanto fenómeno transformador, que perspectivas abre, numa abordagem forçosamente internacional, que alarga horizontes e transporta a urbe para a orbe. É esse o desafio dos textos que se seguem, baseados em experiências que passam pelo sucesso e pelo insucesso, mas, principalmente, pelo processo. Será então o destino que mais conta, ou é a viagem o que realmente importa?

artigo 01

Quando a música começar, esqueça as cadeiras

Goran Tomka

Goran Tomka é investigador e docente nos campos da cultura, da ecologia e da política. É professor da Cátedra UNESCO em Gestão e Políticas Culturais na Universidade de Artes de Belgrado, e também na Faculdade de Media e Comunicações de Belgrado.

A música começa e o entusiasmo vem atrás. Todos se colocam em círculo, preparando-se para disputar uma cadeira. Quando a música para, começa então o alvoroço - a pessoa que ficar sem cadeira para se sentar terá de sair.

As Capitais Europeias da Cultura (CEC) fazem-me lembrar a dança das cadeiras. Há música, há entusiasmo, e há muitas discussões e nódoas negras. Para os precários agentes culturais de toda a Europa, um estímulo financeiro de várias dezenas de milhões de euros causa sempre grande azáfama. Irão construir uma nova sala de concertos, transformar o antigo porto num bairro cultural ou introduzir novos programas de mobilidade? As cidades competem entre si, grupos de interesses das próprias cidades competem por recursos, e os partidos políticos também encontram uma arena frutífera para os seus embates.

As altas expectativas e o ambiente competitivo fazem com que as cidades escolham ações "comprovadas" em vez de entusiasmantes. Copiam e colam ideias de outras candidaturas, contratam as mesmas equipas de especialistas internacionais e importam soluções de outras cidades: as CEC muitas vezes parecem compilações globalizadas e insípidas das "melhores práticas". Festivais atrás de festivais, bairros culturais atrás de bairros culturais, as capitais europeias da cultura estão cada vez mais presas nas suas próprias bolhas de referência idênticas - alienadas, adequadas e entediantes.

Após vários anos e muitas batalhas, acontecimentos e construções caras, o ano da capital acaba, e há ainda muitas expectativas por cumprir. Muitas pessoas abandonam as suas cadeiras. Foi por isto que lutámos? Valeu a pena todo o esforço?

Por este motivo, quando a música começar, eu sugiro que se adicionem cadeiras, não que se subtraiam. Ou então, esqueça as cadeiras de uma vez por todas e dance, dê uns passos estranhos, grite, sente-se em silêncio ou tome um banho. Divirta-se e experimente. Esqueça as melhores práticas. Torne tudo uma celebração, não uma competição. Dispa-se de alguns velhos hábitos.

A maioria das CEC dá prioridade a cidades, preterindo parques nacionais, águas livres e áreas rurais. Mas as nossas culturas são moldadas pela comida que comemos e as paisagens que nos rodeiam. Por que não pode uma visita a uma quinta ou um passeio de barco ou no parque ser uma experiência cultural que mereça o selo de CEC? Provavelmente, os vendedores de comida, os agricultores e os pescadores locais têm uma história que vale a pena contar.

A maioria das CEC tem uma obsessão por festivais. E se sua cidade não precisar de mais festivais? Talvez precise de locais mais tranquilos? Torne os parques livres de barulho, reduza as luzes noturnas, não invista em mais agitação.

A maioria das CEC tem grande predileção pela construção de novas áreas especializadas de cultura e artes, planeadas ao milímetro. Finalmente, espaço para a cultura. Mas com mais espaços dedicados exclusivamente à cultura, há outros espaços que ficam sem ela. Prisões, escolas, creches e lares de idosos – são estes os locais existentes que provavelmente mais precisam de artes e cultura, não os extravagantes projetos de desenvolvimento orientados para a cultura.

A maioria das CEC espera atrair mais turistas. Os turistas são bem-vindos, mas eles vêm e vão. Não são

eles que herdam, desenvolvem ou transmitem a cultura da cidade. Faça as coisas a pensar no bairro, nos avós, nos sem-abrigo, nos trabalhadores noturnos, nos taxistas.

A maioria das CEC vê-se num exercício de volume e rapidez. Centenas de eventos, milhares de artistas, milhões de visitantes. Será preciso toda esta poluição? Por que não abraçar o "turismo lento"(ou slow touring)? Ou tornar as residências mais longas? Ou ainda convidar dezenas de artistas para fazerem de Faro a sua nova casa?

Finalmente, as CEC são apresentadas como torneios com vencedores e perdedores. Mas, por vezes, o processo é realmente mais importante do que o resultado. Reuniões, debates, brainstorming, estar juntos, fazer investigações, partilhar sonhos - tudo isto pode ser uma terapia para a cidade. A cidade de Cluj, na Roménia, perdeu a sua candidatura a CEC, mas mesmo assim investiu financeiramente naquilo que achava que os seus cidadãos precisavam. No final, a sua candidatura era melhor do que a da vencedora de Timisoara que, apesar de ter ganho, continua a debater-se pelo título devido a muitas outras questões.

Todas estas ideias que chegam até si do longe da Sérvia provavelmente não fazem sentido. E também não deviam. Não faço ideia do que a sua cidade precisa. Mas sei que você sabe melhor do que quem não acorda ao som da sua cidade. Torne-a sua. Torne-a estranha.

artigo 02

Capitais Europeias da Cultura: corrida desenfreada ou ponto em comum?

Pascal Gielen

Pascal Gielen (1970) é professor catedrático de Sociologia da Cultura e da Política no Instituto de Investigação para as Artes de Antuérpia (Universidade de Antuérpia, Bélgica), onde lidera o Culture Commons Quest Office (CCQO). Gielen é também editor da série de livros internacional "Antennae - Arts in Society" (Amesterdão: Valiz). Em 2016 foi laureado com a bolsa Odysseus pela sua excelente investigação científica internacional sobre o Fundo para a Investigação Científica da Flandres, na Bélgica. Os inúmeros livros que publicou foram traduzidos para chinês, inglês, polaco, português, russo, espanhol, turco e ucraniano. A sua investigação centra-se no trabalho criativo, e na política comum, urbana e cultural.

A corrida desenfreada para ser a Capital Europeia da Cultura em 2027 já começou. Diz-se que 11 cidades portuguesas estão a considerar participar no concurso. O que a Europa promete ao vencedor não é pouco: um verdadeiro renascimento da vida cultural, mais turismo, uma imagem da cidade polida, uma sólida injeção económica, prestígio internacional, mas também residentes com mais orgulho na sua própria cidade. Enquanto no passado as cidades ainda podiam tornar-se Capital Cultural com base numa oferta artística internacional exclusiva e de alta qualidade, atualmente é melhor enfatizarem o envolvimento local. A forma como as cidades envolvem ativamente os seus residentes no evento e a forma como uma cidade desenvolve uma visão a longo prazo de si própria e da região em que se encontra, são hoje igualmente importantes no processo de seleção. Temas como "Comunidade Aberta" (Leeuwarden, 2018) ou "Juntos" (Plovdiv, 2019), que sugerem uma abordagem inclusiva e integrada, com atenção à ecologia, têm hoje melhores probabilidades de ganhar.

Contudo, a competitiva lógica de mercado para a qual a Europa empurra as cidades candidatas tem frequentemente o efeito oposto. Temas de envolvimento local, social ou ecológico ameaçam funcionar como meros aspetos populares para o marketing das cidades. Podem contribuir para uma melhor imagem da cidade, mas não têm praticamente qualquer efeito duradouro na verdadeira qualidade de vida urbana. Na realidade, as Capitais Europeias da Cultura, que após o ano do evento ainda beneficiam dos ideais sociais que apresentaram na candidatura, podem ser contadas com os dedos de uma mão. Os projetos que os artistas acabam por criar podem muito bem estar envolvidos social e localmente, mas o seu envolvimento frequentemente desvanece-se quando o ano cultural termina. Além disso, o fluxo turístico que uma nomeação implica deixa para trás uma pegada ecológica gigantesca.

Precariedade

Claro que é ótimo a Europa estimular o envolvimento social e ecológico. Contudo, os problemas que as Capitais Europeias da Cultura estão a tentar resolver são enormes e extremamente complexos. Tomemos, como exemplo, a cidade de Faro, onde foi realizado um modesto inquérito entre residentes e visitantes da cidade no âmbito da preparação da candidatura. À simples pergunta "O que o incomoda?", os cidadãos responderam com problemas tais como solidão, pobreza, problemas de saúde (mental) e poluição. Especialmente nas cidades do sul da Europa, o rescaldo da crise financeira de 2008 ainda é percetível. Além disso, o Covid-19 veio atuar como um catalisador para a condição precária em que a população já se encontrava. Para resumir numa palavra este problema complexo, os cientistas falam de "precariedade". Este conceito tenta captar a complexa relação entre condições económicas, ecológicas, mentais, sociais e políticas. Afinal de contas, os problemas que hoje surgem vão para além da pobreza ou do desemprego. Por exemplo, hoje em dia, a classe média com escolaridade também enfrenta dificuldades derivadas da crescente insegurança financeira, do aumento dos burnouts e do isolamento social. Decididamente isto também se aplica aos artistas e à classe criativa, em quem as cidades criativas se apoiam para construir as suas economias atuais. Os cidadãos estão cada vez mais desconetados e desenquadrados nas suas próprias cidades e sociedades. Navegam sem fundo nas redes sociais à procura de contactos e reconhecimento, ou saltam de projeto em projeto como freelancers em redes offline voláteis. Esta condição do mercado de trabalho extremamente móvel leva a problemas ecológicos, sociais e mentais para os quais o diagnóstico geral poderia ser chamado de "sem fundo". Atualmente, as pessoas carecem

de estabilidade, uma base sólida sobre a qual se possam apoiar. Esta instável corrida desenfreada, que o sistema unificado de mercado europeu estimulou, sobrecarregou-nos agora com um problema cultural fundamental: é difícil para as pessoas compreenderem o seu trabalho, o seu ambiente social e, por vezes, também, as suas próprias vidas.

Pontos em comum

Uma Capital Europeia da Cultura que leve estas questões sociais a sério terá, portanto, de sair da atmosfera competitiva em que se esforça por atrair os artistas e curadores mais destacados a fim de ganhar a competição. Nesse sentido, seria preferível que a Comissão Europeia estimulasse, em vez da competição, a colaboração entre cidades com vista a resolver os seus problemas. A cidade deverá procurar artistas que realmente queiram mergulhar numa cultura local, na ecologia e no tecido urbano. Afinal de contas, aquilo que os cidadãos precisam atualmente é um ponto em comum. Isto é, um quadro comum de referência cultural, capital cultural que lhes permita reerguer-se firmemente no mundo e serem mais confiantes. Os artistas são mestres em dar início a tais processos de criação. São os melhores aliados para ajudar a construir um tal ponto em comum. No entanto, os artistas só o podem fazer se tiverem tempo, se não tiverem de saltar constantemente de projeto em projeto para ganhar a vida. Uma cidade que leva a sério a sua ambição social ou ecológica envolve os artistas a longo prazo, mais do que alguns meses ou um ano. A tarefa primordial das Capitais da Cultura é construir uma capital da cultura e este nunca foi um investimento a curto prazo, mas sim o trabalho de uma vida.

artigo 03

Reflexões sobre Faro 2027

Ragnar Siil

Fundador e diretor do Creativity Lab, um grupo de reflexão de vanguarda dedicado a política cultural e indústrias criativas na região do mar Báltico, e diretor do conselho de administração na Cultural Policy Designers Network. Ex-subsecretário das Artes na Estónia, foi também presidente do grupo de peritos da UE em indústrias criativas, e ainda especialista-chave no Programa de Cultura e Criatividade da parceria da UE com a Europa de Leste.

Eis algumas reflexões sobre as aspirações da Faro2027, que refletem as perspetivas de desenvolvimento cultural da Estónia e da Europa. Estas são primeiras impressões, apenas algumas linhas de pensamento e ideias para o discurso cultural e social liderado pela Capital Europeia da Cultura de 2027. Quais são os 10 temas relevantes nos próximos anos que a Faro2027 poderá aproveitar?

1. Resiliência

Com sorte, já teremos ultrapassado a atual crise, mas não a teremos esquecido. A Europa e, em particular, o setor cultural sentirão os efeitos a longo prazo desta crise; portanto, precisamos prestar muito mais atenção à resiliência. A resiliência organizacional é a capacidade de uma organização antecipar, preparar, responder e adaptar-se a mudanças incrementais e ruturas súbitas de forma a sobreviver e a prosperar[1]. À medida que emergimos da pandemia, devemos fazer-nos algumas perguntas difíceis. Por que foram os setores cultural e criativo tão vulneráveis às crises no passado, e o que fazer para melhor preparar estes setores para crises futuras? Apesar dos anos de discussões sobre o papel e o impacto da cultura na sociedade, por que razão continua a ser a cultura o alvo mais fácil de sofrer cortes, ou ser posta em segundo plano ou à margem? Como apoiar a cultura para que não só se "recupere" depois de uma crise, mas para que também "avance" e tire proveito da mudança de realidades.

1 British Standard Institution

2. O pequeno é bonito

As indústrias cultural e criativa tendem a gravitar para as áreas metropolitanas. Isto é um facto em todo o mundo, onde os talentos atraem outros talentos, e os investimentos promovem mais investimentos. Mas qual é o papel das cidades e de regiões de pequena e média dimensão no meio criativo europeu? Faro estaria entre as Capitais Europeias da Cultura mais pequenas e, portanto, bem posicionada para lançar uma discussão sobre a relação entre a cultura, a criatividade e a realidade de vida local. Embora os locais mais pequenos não compitam com os maiores em termos de quantidade, volume de negócios e escala industrial, competem sim em termos de qualidade de vida, acessibilidade, segurança, singularidade e flexibilidade. Os locais mais pequenos permitem concentração, experimentação e espaço. Em tempos em que tudo tem de ser grandioso em escala e espetacular em estilo, a Faro2027 poderia proporcionar soluções para uma miríade de locais de toda a Europa sobre como cada um pode desenvolver o seu próprio potencial através da cultura e da criatividade.

3. A vida nos limites

O aspeto mais semelhante entre Portugal e a Estónia é a posição no mapa - ambos nos extremos da Europa, nas fronteiras das civilizações. Estão longe de tudo, desde os centros políticos, económicos e culturais, aos lugares da moda. No entanto, não é aqui que a Europa termina, mas sim onde começa. Faro é uma porta de entrada para a Europa, uma ponte entre a Europa, as Américas e África. A diversidade, a tolerância e o futuro da imigração serão todos aspetos críticos de Faro como Capital Europeia da

Cultura. Outra perspetiva sobre a vida na periferia é o papel das tecnologias digitais em reduzir as distâncias e alargar o público internacional.

4. Cultura e ODS

É um facto, toda a gente fala de cultura e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU. E sim, estão incluídos na maioria das estratégias. Mas não, para a maioria das pessoas estes objetivos não se refletem nas suas atividades quotidianas. Continuam a ser uma ferramenta de marketing e parte de comunicações públicas, mas não são orientações para uma mudança significativa. No entanto, os ODS podem ser instrumentos poderosos para os setores cultural e criativo, tanto em termos do que podem contribuir para a sociedade, como do que o próprio setor cultural precisa de fazer. Das alterações climáticas, igualdade de género e boas condições de vida às cidades sustentáveis, saudáveis e com educação de qualidade, a Faro2027 pode ser um catalisador da cultura no desenvolvimento sustentável. Isto está intimamente ligado à resiliência, p. ex., é necessário abordar a relação entre a cultura e a saúde física e mental.

5. Comunidades

Acredito firmemente que o futuro da cultura nas cidades está, na realidade, nas comunidades. As comunidades são grupos de pessoas mais pequenos e distintos (quer com base na localização, demografia, interesses, etc.), que constituem a espinha dorsal de qualquer cidade criativa. Um centro cultural ou cidade criativa que carece de comunidades vivas, ativas, empenhadas e fortalecidas

não passam de um projeto de marketing. Como podemos envolver as comunidades? Como as podemos estimular? E como reunir diferentes comunidades? Os títulos de CEC vêm e vão, mas as vossas comunidades permanecerão. Uma das partes mais importantes do processo de CEC é a capacitação das comunidades e dos seus líderes, de modo a que os benefícios de conquistar o título de CEC impactem o cenário cultural local em anos vindouros.

6. Futuro do turismo (cultural)

O turismo é importante para Portugal e para Faro. Estima-se que o turismo cultural represente 40% de todo o turismo europeu. As análises mais otimistas preveem o regresso dos níveis de turismo pré-crise até 2024, outras apontam para mais tarde, e outras ainda preveem que não voltaremos a ver padrões de turismo semelhantes. Seja qual for a verdade, o turismo como o conhecíamos não é sustentável e é necessário que emerjam novos modelos. A Faro2027 pode propor interações inovadoras entre a cultura, o património e o turismo que se foquem mais na autenticidade, na tipicidade e na experiência. A própria Faro2027 deve ser um modelo e não deve visar maximizar o número de visitantes estrangeiros (como indicador-chave de desempenho); pelo contrário, a cidade deve procurar criar relações significativas, parcerias duradouras e uma transformação positiva.

7. Cultura marítima

Outra coisa que é comum a Portugal e a Estónia é a ênfase de ambos países na cultura marítima. 2016 foi o Ano da Cultura Marítima na Estónia. O ponto alto de Talin como

Capital Europeia da Cultura de 2011 foi o lançamento do novo Museu Marítimo e a abertura do litoral ao público. A história marítima europeia é rica e diversificada, incluindo o património subaquático, mas também tem abundante património cultural imaterial relacionado com as tradições marítimas. A Faro2027 poderia trazer a cultura marítima europeia de volta ao foco e associar-se a museus marítimos de toda a Europa para contar a história europeia através das rotas de comércio marítimo – o mar que nos separa, o mar que nos une.

8. Cultura digital

O digital está aqui para ficar, mas há diferenças entre digital e digital. É um facto que uma das consequências imediatas da crise é que estamos todos cansados de tudo o que é digital. As pessoas anseiam por experiências físicas. Mas tal não nos deve impedir de ver o panorama completo – o impacto das novas tecnologias (incluindo a realidade virtual, a realidade aumentada, a realidade mista, a inteligência artificial, etc.) na forma como a cultura é criada, produzida, disseminada, consumida e protegida. Alguns setores culturais estão a sofrer grandes mudanças nas respetivas indústrias (p. ex., música, cinema), enquanto outros se focam nas novas possibilidades que as tecnologias oferecem na promoção de novos modelos de participação cultural e de salvaguarda do património. Tem vindo a ser feito um trabalho interessante entre empresas globais de comunicações e instituições de património cultural na criação de novas plataformas para narrativas digitais de colaboração criativa.

9. Espaço

O espaço sempre foi importante para a cultura, tanto como local de criação, como de participação ou de consumo. Mas agora, com a crise, a ideia de espaços culturais está a mudar. Precisamos de espaços mais diversos, descentralizados, espaços mais pequenos e flexíveis. Espaços que possam resistir às limitações relativas ao tamanho do público ou às normas de segurança. Qual é a aparência do futuro espaço cultural? Qual é o equilíbrio entre os locais físicos e os virtuais? Precisamos de cada vez mais lugares, e cada vez maiores? Ou precisamos de uma utilização mais temporária dos espaços? E como podemos garantir que a cultura oferece espaço acessível a todos, não só em termos de acesso físico, mas também em termos de programação?

10. Democracia e cultura

O populismo e o extremismo na Europa ainda não acabaram. A cultura é um poderoso instrumento para lutar por princípios democráticos nas sociedades e para construir confiança entre pessoas, comunidades e instituições estatais. A liberdade de expressão, a tolerância às diferenças e o debate respeitoso são a base de uma sociedade funcional. A Faro2027 deve abordar algumas destas questões frontalmente. Como moldar um espaço de discussão pública respeitoso e de qualidade, que inspire o discurso público e que não o iniba? A cultura deve permanecer como um espectador neutro, ou deve tomar uma posição ativa e lutar pelos valores que lhe são tão queridos?

artigo 04

Última semana de Março de 2021

Uma EscriTa paulatina

Para o Empregado Bem--parecido no Lado Oeste

De um turista sentado numa cadeira flutuante sobre a água no lado Oriental do Mediterrâneo

Junaid Sarieddeen

Junaid é ator de teatro, realizador, dramaturgo, membro fundador da Companhia de Teatro Zoukak (2006), sediada em Beirute, e ainda membro do Conselho de Curadores do Instituto Sundance desde 2019. Dirigiu várias peças de teatro com a Zoukak e outros artistas, e nos últimos catorze anos integrou o elenco de mais de 20 produções, tendo estado em digressão por várias cidades e festivais de todo o mundo. Tem uma licenciatura em Teatro, outra em Filosofia e um mestrado de Investigação em Teatro.

EscriTa é escrever e ler. Escrever e ler são atos de enquadramento dentro da nossa própria consciência. Só através de enquadramento podemos comunicar, identificar e gerar significado.[1]

Escrever, ler, ver, ouvir, conectar e comunicar com o que me rodeia são formas de identificação. Qualquer momento de identificação enfrenta uma infinidade de possibilidades. O infinito representa uma ameaça à minha mente racional; para pôr fim a este processo de possibilidades ilimitadas, confio em certas escalas finitas possíveis, que representam algumas respostas/significados. Este momento é um momento de Realização. A Realização acompanhaaidentificação e o enquadramento. O potencial das ideias navega em ondas de enquadramentos pré-existentes que ajudam o processo de *IDEA*ntificação; onde cada ideia é um enquadramento em si própria.

*IDEA*ntificação é enquadramento. O enquadramento destina-se a lidar com a transformação contínua; aplica-se a contextos e ambientes que também se encontram em estado de mudança contínua. Mantem a hesitação e resiste à mudança dentro desse mesmo tempo e espaço. A tensão entre a criação/realização e a hesitação/resistência forma o movimento natural do enquadramento; as referências preexistentes às minhas próprias perceções constituem a base deste movimento. A resistência contínua ao fluxo de mudança faz com que os enquadramentos sejam propensos à fixação. A fixação restringe outras ideias de serem libertadas. Aí reside uma profunda sensação de liberdade. Para que a liberdade se realize, tenho de permanecer consciente das tensões do enquadramento, e da minha própria resistência às minhas ideias.

1 Para leres isto, para me leres a mim e à minha posição como escritor para contigo, convido-te a começar de qualquer ponto do texto; do fim, do meio, ou de qualquer outro local aleatório. Escolhe o ponto de onde queres começar a ler-me, o ângulo, a ordem e o ritmo. Em vez de leres a partir de uma perspetiva ou posição específica para me compreenderes, confia em ti mesmo em seres aleatório comigo. A tua escolha determina o enquadramento.

As letras e palavras são também ferramentas para a libertação. Quando falo, as minhas palavras constituem o ⌗. O processo de enquadramento dos meus pensamentos e sentimentos leva-os para fora do meu próprio sistema individual, e para um próprio enquadramento. Os processos de enquadramento e identificação têm a sua origem no que estou destinado a ser.

Eu só vejo o que posso ver. Crio a compreensão e o significado que sou capaz e desejo criar. Escolho o que quero ver a partir do que sou capaz de ver. Sou capaz de ser aquilo em que sou capaz de me tornar. Eu sou o potencial da minha própria capacidade, e eu sou a capacidade do meu próprio potencial.

Eu crio cada fenómeno, figura, unidade, indivíduo ou identidade tanto quanto este próprio cria. Donald Trump Um refugiado. **Madonna**. Osama Bin Laden. Tu. *Eu*. **O teu pai**. Mãe. Filho... As identidades/entidades são o resultado de inter-realizações. Agora, estás a criar aquilo que estou a escrever, no momento em que estou a criar aquilo que estás a ler. Tu crias-me como eu te crio; a leitura-escrita é uma inter-relação inter-relacional.

Enquanto escrevo isto, estou sentado numa cadeira na minha sala de estar. Uma preocupação está atualmente a ocupar-me a mente. Estou preocupado com a dor nas minhas costas. A dor lembra-me constantemente do peso que carrego em mim e no meu corpo. Peso 75 quilos. A minha perceção do meu peso é, contudo, diferente. Na minha mente, as minhas costas carregam um valor diferente que não pode ser medido em quilos. O meu corpo físico, que está sentado numa cadeira (outro corpo físico) neste momento, apercebe-se da força da gravidade. A gravidade é parte da minha dor. Só se torna um peso quando se realiza como um peso; requer um corpo para permitir a sua autorrealização. A gravidade em si só pode existir através de um "Outro", que também está empenhado num processo de autorrealização. Cada grama de peso que cai sobre as minhas costas doentes deriva de uma ideia. As ideias realizam a sua própria presença e têm assim o

seu próprio peso, daí a expressão inglesa "*carry an idea*", ou seja, transmitir uma ideia. Tal como a gravidade, as ideias não têm corpo próprio, só se concretizam quando se realizam através de um "Outro".

Tudo surgiu através do simples ato de estar presente. Por outras palavras, cada presença adquiriu a sua existência. O processo de "aquisição de presença" ocorre através de uma realização consciente. A Realização ocorre como resultado de uma Relação. A Relação é Comunicação. A Comunicação é Enquadramento. O Enquadramento é Identificação. A Identificação é Presença. A Presença é Existência. A Existência é um processo contínuo e ativo entre o Eu e o Outro.

No mês passado, cheguei a casa depois de um dia excruciante no banco onde as minhas poupanças estão retidas. Estava a defender o meu direito básico de levantar o meu próprio dinheiro da minha própria conta, em vão. De volta a casa, encontrei uma em frente à minha porta. Fiquei ansioso e zangado; tinha a certeza de que aquele meu vizinho a tinha atirado de propósito, para me irritar. Eu conheço-o, é muito metediço. Desci as escadas com a intenção de o confrontar, parei à frente da sua porta, hesitei, resisti à minha intenção, mudei de ideias e fui-me embora. Continuava a regressar à sua porta todos os dias, perguntando-me se o deveria questionar sobre a pedra. Isto continuou até à semana passada; estava prestes a entrar no meu apartamento, olhei para a pedra, e vi uma face, uma face antiga. Peguei nela e entrei em casa. Coloquei-a numa das prateleiras da minha sala de estar. Nos dias que se seguiram, comecei a recolher pedras e a combiná-las de várias formas representativas e abstratas.

Uma pedra é uma ideia. Uma face na pedra é outra ideia. O que cria duas ideias que habitam na mesma entidade é a minha própria perceção, o meu próprio ato de realização dessa entidade. Uma pedra é uma entidade moldada por várias forças. Cada momento é uma pedra. Cada ideia é uma pedra. Cada pessoa é também uma pedra. "Estou agora sentado numa cadeira" é uma pedra. "Estou agora sentado na minha cadeira de madeira a pensar na minha barba rapada" é outra pedra. A minha barba é uma pedra. Aos olhos de outra pessoa, a minha barba é outra pedra. Cada pedra provém de um passado antigo. Cada pedra é recriada de novo com cada ocasião relacional instantânea. Isto aplica-se a este momento de presença: eu aqui sentado, escrevendo-te do teu Outro lado do Mediterrâneo.

A minha presença é antiga e a tua também. O que nos posiciona nesta presença no espaço e no tempo é uma escolha que ambos fizemos num determinado momento. Recriamos continuamente esta presença com todas as relações que encontramos. A ideia de eu estar sentado neste momento e a escrever isto é "Antiga", é uma ideia que criei num determinado momento na minha infância. Esse teu momento também o é. A tua realidade e a minha realidade são a autorrealização das nossas próprias pedras.

Estou agora sentado na minha cadeira de madeira no meu apartamento em Beirute, ao lado de prateleiras cheias de pedras. Estou com as minhas costas (doentes) voltadas para o Mediterrâneo, estendendo-se este atrás da minha parede e de centenas de outras paredes e janelas danificadas na explosão de 4 de Agosto. Entre essas paredes e o mar, em dezenas de ruas, há milhares de pessoas que se manifestam, enfrentando centenas de outras que as ameaçam. Entre elas cai o cadáver de um país que cheira a pneus queimados.

Tinha a intenção de me apresentar e falar-te das relações entre o Sul e o Norte, da forma como as vejo a partir da minha posição aqui e agora. Ao aproximar-me de ti, fui engolido pelo mar, pelo olhar infinito dos peixes, pelo infinito do olho sempre aberto de cada peixe. Parece que me esqueci da minha introdução. Parece que antes de me apresentar a ti, preciso de abrir os olhos e olhar através desse infinito que habita nos buracos negros dos olhos dos peixes.

Estou a escrever-te de Beirute. Provavelmente visitarei o Algarve um dia, como já visitei Lisboa antes. Sou, ocasionalmente, um turista. Adoro contemplar através da leveza do olhar de um turista, um olhar que exige um novo enquadramento, suscetível a uma nova perspetiva. Na minha História de língua Árabe, a tua região é chamada de "Al Garb", que se traduz como O Oeste (de *Andalusia*); no entanto é um Leste, um Norte, ou um Sul... para muitos outros, dependendo do enquadramento.

Olá, o meu nome é Junaid. Fiz a barba ontem. Provavelmente voltarei a deixá-la crescer. Se isso acontecer um dia e nos encontrarmos, por favor lembra-te de me recriar nesse momento mais uma vez; mas com um novo enquadramento entusiasmante, para que nenhum de nós fique aborrecido.

De um turista sentado numa cadeira flutuante sobre a água no lado Oriental do Mediterrâneo

Para o Empregado Bem--parecido no Lado Oeste

Uma EscriTa paulatina

Última semana de Março de 2021

Faro no seu espaço e no espaço dos outros

01. Luís Filipe Oliveira
02. Mike van Graan
03. João Peixoto
04. João Pedro Bernardes
05. Raquel Carvalheira & Joana Lucas
06. Jone Belausteguigotia Garaizar

Conseguiremos a maleabilidade do olhar de Junaid Sarieddeen para pensar sobre como o posicionamento de cada indivíduo no (seu) mundo reflecte a sua forma de estar e pensar sobre o mundo (dos outros)? De que forma se posiciona Faro, fronteira ancestral entre mundos e culturas, no seu espaço, no chão comum, no seu tempo, nas transições da modernidade? E quem a atravessa? Que identidade preserva, em tempos de normalização? Como se vê e como a vêem? Faro, a meio do Algarve, é capital administrativa, mas será mesmo capital?

artigo 01

Um olhar pelo Algarve

Luís Filipe Oliveira

Professor auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Investigador integrado do Instituto de Estudos Medievais (I.E.M.) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e colaborador do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica. Desde 2020, é Diretor da Medievalista, a revista em linha editada pelo I.E.M, cujo Conselho de Redacção integrou a partir de 2007.

A geografia e a história modelaram de forma determinante a individualidade histórica e cultural do Algarve. Com uma extensa costa virada a Sul, mais recortada que nos dias de hoje e que então oferecia vários portos e ancoradouros, a região sempre se virou para as águas do Golfo de Cádiz e do Estreito de Gibraltar e para o Mediterrâneo. Daí lhe vieram as características dominantes do seu clima, a estreita relação entre a serra e o mar, ou as principais influências culturais e civilizacionais, que marcaram a sua fisionomia de forma. duradoura. Daí vieram, também, as gentes que lhe deram o nome por que a região é há muito conhecida. Apenas para elas, que vinham do Oriente, fazia sentido designar estes territórios como o Ocidente, o último espaço antes do grande Oceano e o local onde o Sol conhecia todos os dias o seu ocaso. Território integrado, portanto, mas simultaneamente marginal, quase como se fosse outra finisterra. Uma singularidade que a região conservará na terra, na fisionomia e nos costumes das gentes, mas também no nome que a distinguia das outras províncias portuguesas, em regra nomeadas a partir das terras e dos homens do Norte. Como a Beira, a Estremadura e o Alentejo, entre algumas outras.

A posição geográfica também afastava o Algarve das terras do Norte. O mar de serras que o circundava a Norte, como que o empurrando para o mar, tornava as comunicações particularmente difíceis, tanto pela escassez de núcleos povoados, como pela falta dos apoios indispensáveis para quem viajava. O problema apenas se resolveria com a chegada do comboio a Faro por inícios do século XX, embora a estrada entre Lisboa e Faro só tivesse sido concluída por meados da centúria. Para quem optava pelo barco, a forma mais cómoda e mais barata de viajar, a situação não era muito diversa, pelo menos até à época da navegação a vapor. As viagens podiam ser atribuladas e o diferente regime de ventos entre a costa ocidental e a costa

sul obrigava a paragens demoradas ao dobrar o cabo de S. Vicente. Como se a mudança da direcção do vento anunciasse a entrada noutro mundo. E este era, de facto, um mundo diferente para quem vinha do Norte, como havia de verificar um religioso dessa zona do país que viveu em Tavira no século XVI e que então descreveu o Algarve como uma região de gentes e de costumes diversos.

Situado nos confins de dois grandes mundos civilizacionais, o Mediterrâneo e o Atlântico, o Algarve tiraria partido dessa localização, como é característico de todas as fronteiras. Com um território disposto num anfiteatro virado ao mar, seria a partir deste que se organizaria o povoamento, com a instalação no litoral das principais cidades e dos centros políticos mais importantes. O mar seria igualmente decisivo para escoar as produções da terra, o vinho e as frutas secas, os artigos em esparto e em palma, o sal e o peixe, ou para as trocar pelo que a região não tinha, ou não produzia em quantidade. Como o ferro, os panos e os couros, mas sobretudo o trigo. Esta abertura ao mar e ao exterior não estava polarizada por nenhuma cidade em particular e era característica de todos os portos da região. Havia, por certo, portos mais movimentados, como Faro e Tavira, ou Lagos e Portimão, mas a dispersão da actividade marítima era de regra, favorecida pelas condições naturais da região. Mesmo os portos mais pequenos tinham algum dinamismo, sustentado pela crescente importância das armações de atum, espalhadas um pouco por toda a costa e que animavam a vida litoral durante os meses do Verão. Com intensidade variável, esta dispersão da actividade marítima e portuária e da riqueza a ela associada – se o atum era o porco do mar, os frutos secos eram o ouro dos lavradores –, manteve-se como um dos atributos mais característicos da economia e da sociedade algarvia. Dos mais duradouros, também.

A região também não tinha, nem ainda tem, uma verdadeira capital, uma cidade capaz de influenciar e de ordenar todo o território. Apesar de situada a meio da região, Faro nunca conseguiu assumir essa posição, nem mesmo depois de ser transferida para o senhorio das rainhas e ser posta sob o patrocínio destas, ou de ser elevada a sede de bispado. Sofreu sempre a concorrência de Tavira e de Lagos, sobretudo desta, dotada de um porto melhor e que cedo se converteria na sede do governo militar da região. As grandes transformações dos séculos XIX e XX, primeiro com a navegação a vapor e depois com o caminho de ferro, pouco modificaram este panorama. De uma forma ou doutra, ambas se adaptaram aos interesses locais e às estruturas pré-existentes, dos portos de mar à rede de cidades litorais. Só as iniciativas dos governos centrais, com a criação de estruturas locais de serviço e de administração, como os governos civis, o Hospital, as forças de segurança, ou as delegações dos ministérios, mas, sobretudo, com a construção do aeroporto de Faro, dariam à cidade uma maior capitalidade. Mas incapaz, ainda assim, de a transformar no pólo central da região. Não só lhe escasseava a demografia, dada a concorrência de Loulé e de Olhão, como sofria os efeitos centrífugos dos fluxos turísticos, quase tão dispersos pela região como os antigos portos e ancoradouros. A construção da imagem turística do Algarve como um espaço solidário, como se não houvesse contrastes, nem divisões – é a única região do país que surge nas indicações de distância das auto-estradas –, não tardaria a confirmar, de resto, que nela não havia qualquer lugar central, capaz de polarizar o território e de representar as suas gentes.

artigo 02

O Norte do Sul.
O Norte no Sul.
O Sul com o Norte.

Mike Van Graan

Após obter a sua Licenciatura com distinção pela Universidade da Cidade do Cabo (UCT), exerceu funções de Professor Associado no departamento de Teatro da UCT entre 2015 e 2019. Assumiu ainda posições de liderança em diversas organizações culturais anti-apartheid, incluindo como diretor do Projeto de Artes Comunitárias, como responsável de projetos no Congresso de Escritores da África do Sul e como secretário-geral da Coligação Nacional de Artes.

A África do Sul comemora o seu aniversário este ano com uma coincidência inédita de datas. No dia 27 de abril celebraram-se 27 anos desde que todos os cidadãos sul-africanos puderam votar nas primeiras eleições pós-apartheid do país. Nelson Mandela foi o primeiro presidente eleito na África do Sul livre, em 1994, depois de cumprir 27 anos de prisão pela sua luta contra o regime do apartheid.

Faro encontra-se a concorrer para Cidade Europeia da Cultura em 2027, precisamente 27 anos depois de os líderes mundiais das Nações Unidas se terem reunido para acordarem um conjunto de objetivos de desenvolvimento destinados a tornar o mundo num lugar melhor até 2015. Eliminar a pobreza extrema e a fome. Alcançar a educação primária universal. Capacitar as mulheres e promover a igualdade de género. Desenvolver uma parceria universal para o desenvolvimento. Combater a malária, o VIH/sida e outras doenças.

A pandemia mundial da COVID-19 tem demonstrado claramente o quão pouco estes objetivos foram alcançados no tratamento dos fatores estruturais e históricos que servem de obstáculo à construção de um mundo melhor. A Humanidade inteira tem sido afetada pela pandemia, mas aqueles com maiores recursos, uma infraestrutura funcional e redes de apoio têm maior capacidade para gerir a crise e as suas consequências em grande escala do que aqueles que são ignorados pela História.

Estamos todos a enfrentar a mesma tempestade, mas não estamos todos no mesmo barco.

A propósito de barcos: diz-se que o explorador algarvio Bartolomeu Dias foi o primeiro europeu a navegar ao redor do Cabo em 1488, ultrapassando o ponto mais extremo do sul da África, feito inédito até

então. Mais tarde, Moçambique e Angola tornaram-se centros importantes do tráfico de escravos que se destinava às plantações de açúcar portuguesas no Brasil. Estes escravos representavam mão de obra barata, impulsionando o crescimento económico e a influência política das potências coloniais.

O Norte (Portugal) voltou agora ao Norte, mas continua ainda enraizado na vida económica, social e cultural do Sul, bem como no seu legado. O facto de que 56% dos angolanos e 30% dos moçambicanos se professam católicos pode ser atribuído ao impacto dos missionários portugueses. O português e o inglês são as duas línguas impostas pelos respetivos colonizadores, e são o que separa os sul-africanos dos seus vizinhos moçambicanos e angolanos.

A presença do Norte (ainda) se sente no Sul.

Vinte e sete anos após ter sido alcançada a liberdade coletiva e o fim do apartheid, este crime contra a Humanidade ainda está presente na África do Sul. A desigualdade aprofundou-se entre aqueles que já tinham (e que agora têm mais) e aqueles que eram explorados para que os primeiros (uns poucos) pudessem continuar a ter, permanecendo os segundos sem mais do que o pouco que sempre tiveram. A polarização económica, racial e social aumentou com as elites, o que inclui alguns que, tendo outrora sido marginalizados sob o apartheid, beneficiam agora de melhores oportunidades. Estas elites podem agora aceder a educação e a cuidados de saúde de qualidade, e até segurança privada, enquanto a maioria tem de se contentar com serviços públicos de baixa qualidade, uma situação agravada pelos elevados níveis de corrupção governamental.

E esta situação é visível em muitas outras partes do continente africano, a sul deste Norte, onde as elites políticas e económicas se enriqueceram com as oportunidades proporcionadas por uma economia mundial mais globalizada e altos níveis de corrupção, enquanto a maioria dos africanos vive - ainda - abaixo do limiar de pobreza.

O que é que tudo isto tem que ver com Faro e com a sua ambição de se tornar Capital Europeia da Cultura?

Não vivemos, trabalhamos, criamos arte nem organizamos festivais num vácuo do mundo. Existem contextos sociais, políticos, culturais e económicos que nos afetam, e nós, por outro lado, e através do trabalho que alcançamos, influenciamos também os nossos respetivos contextos.

Em 2027 estaremos a três anos do prazo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas. Os ODS são 17 objetivos que definem o paradigma de desenvolvimento global e que foram adotados para substituir os objetivos do milénio, após o seu prazo de cumprimento ter expirado em 2015.

Atualmente, os dois elementos principais em que o nosso mundo falha são a desigualdade e a cultura.

É a desigualdade que causa conflitos, que nos torna vulneráveis a pandemias, e que leva à migração em busca de vidas melhores e mais seguras. Devido às desigualdades históricas e estruturais, o Sul irá persistir em direção ao Norte.

A cultura (diferentes sistemas de valores e crenças, Histórias diferentes) influencia as nossas interações sociais,

a nossa compreensão e prática dos direitos humanos, a nossa visão de nós próprios, e a nossa visão de nós próprios em relação aos outros.

Os refugiados que fogem das guerras na Síria, no Afeganistão e no Iraque, bem como da pandemia da COVID-19, são precursores dos futuros desafios que a Europa terá de enfrentar: por exemplo, as mudanças climáticas e a procura por água potável, por empregos sustentáveis e vidas mais seguras contra desastres naturais.

Faro, sendo uma cidade da costa meridional de Portugal, dispõe de uma localização especialmente privilegiada para se relacionar com o seu Sul, que inclui África e a região árabe. Assim sendo, a capital algarvia pode apresentar-se como o ponto de intersecção ideal entre diferentes culturas, facilitando a compreensão e o respeito mútuos, que constituiriam a base de cooperação entre o Sul e o Norte na procura de soluções para os futuros desafios da Humanidade. Mais do que, durante um ano, ser simplesmente uma Capital Europeia da Cultura que investe em projetos e atividades para aumentar o seu turismo (apesar de tal também ser bom e necessário), Faro tem aqui a oportunidade de se tornar numa cidade que nutre e que celebra as diferentes culturas mundiais – até, durante e depois de 2027. Na sua busca intemporal do que nos une como humanos, Faro deve posicionar-se na vanguarda do trabalho que juntos devemos levar a cabo para assegurar o nosso futuro coletivo.

Unir o Sul ao Norte, pelos interesses do Norte, do Sul, do Este e do Oeste.

artigo 03

A Norte ou a Sul do mundo? Encruzilhadas de um país e de uma cidade

João Peixoto

Professor Catedrático no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) da Universidade de Lisboa e investigador no SOCIUS/CSG, da mesma instituição. Licenciou-se em Sociologia pelo ISCTE-IUL e obteve o doutoramento em Sociologia Económica e das Organizações pelo ISEG/UTL. As suas principais áreas de investigação são as migrações internacionais, demografia e sociologia económica. É autor de vários livros e artigos publicados em revistas nacionais e internacionais.

A pandemia do Covid-19 veio perturbar a (des)ordem económica e social em que o mundo vivia. O crescimento económico foi fortemente afectado, muitos sectores paralisaram (enquanto outros cresceram), o Estado passou a ser de novo um agente poderoso e interveniente, as populações aumentaram o seu grau de incerteza, muitos projectos de vida foram adiados, demasiadas vidas foram interrompidas. Perante isto, poucos se atrevem a conjecturar sobre o futuro. Se o estabelecimento de cenários e previsões é complexo em épocas de equilíbrio, é-o ainda mais em períodos de turbulência.

Ainda assim, nem toda a realidade foi suspensa e nem todas as tendências de evolução se inverteram. Uma das dinâmicas mais importantes das sociedades europeias pré-pandemia foram as migrações internacionais, com realce para os fluxos de refugiados. Muitas causas estruturais e algumas conjunturais conjugaram-se para dar origem a uma forte pressão migratória para a Europa, que culminou em 2015 com a entrada de quase um milhão de refugiados. A sua deslocação provocou problemas nos países de chegada, de trânsito e de destino que ainda hoje não estão resolvidos.

Se os fluxos migratórios conheceram alguma redução depois de 2015, quase se suspenderam em 2020. O fecho de fronteiras que se seguiu à eclosão da pandemia, a par da forte redução das oportunidades de trabalho e das expectativas de melhoria das condições de vida em solo europeu, reduziram brutalmente o número de entradas. Ainda assim, a pressão para a migração não desapareceu. Apesar das dificuldades, o Mediterrâneo continuou a ser um mar inseguro para milhares de migrantes e refugiados. As costas grega, italiana, espanhola e mesmo portuguesa sentiram que os fluxos não se extinguiram. Apesar da pandemia, a Europa continuou a ser olhada como uma terra de esperança.

No pós-pandemia, é provável que a pressão migratória aumente, atingindo níveis desconhecidos até hoje. Todas as projecções demográficas indicam a duplicação da população do continente africano no espaço de poucas décadas. O tecido económico africano não tem condições para responder eficazmente a esta pressão, o mesmo sucedendo com a infraestrutura educativa e de saúde. É provável, pois, que as condições de vida se agravem. Por outras palavras, para muitas populações africanas, o objectivo de melhoria de vida continuará a passar pela deslocação para outros países e continentes - como tantas vezes tem sucedido com tantas populações na história da humanidade.

A par do aumento da população e da incapacidade de as economias resolverem os bloqueios de desenvolvimento, várias outras ameaças se irão espalhar pelo mundo. Estas incluem, entre outras, as guerras e outros conflitos político-militares, que se deverão intensificar face à escassez de recursos, e as alterações climáticas, que irão provocar instabilidade em muitos territórios e estruturas produtivas. O potencial migratório não irá, portanto, diminuir.

Os países europeus terão poucas opções face a esta pressão. O reforço dos mecanismos securitários será certamente procurado. As fronteiras vão passar a ser cada vez mais difíceis de transpor. É provável que mais países queiram impedir as entradas protegendo ainda mais as fronteiras nacionais. No caso da União Europeia, foi uma opção política deste tipo que reforçou o desejo britânico de saída - o Brexit. A manutenção dos princípios em que a União tem existido, como o da livre circulação, e mesmo a continuidade da União, são questões em aberto. Mas sabe-se que as barreiras físicas nunca venceram a pressão migratória. A vontade humana de melhoria de vida transcende muitos obstáculos. Os fluxos continuarão a

ocorrer, mas de forma mais dramática e com condições de chegada ainda mais difíceis.

Perante um cenário deste tipo, o que poderá fazer Portugal? Que papel poderão ter as suas cidades mais abertas aos fluxos migratórios – vindos do Norte e vindos do Sul? A história ensina que as opções políticas nunca são consensuais. Há sempre conflitos de interesse e perspectivas distintas. Podemos argumentar que seria desejável que uma opção pela regulação proactiva das migrações tivesse lugar. O Pacto Global para as Migrações Seguras, Ordenadas e Regulares, assinado em 2018 pela maioria dos países membros das Nações Unidas, poderá ser inspirador. Aí se advoga que as migrações podem ser uma realidade em que todos ganham, se houver oportunidades claras e uma gestão transparente dos fluxos.

Para além de uma gestão eficaz das entradas, seria importante que se reforçassem os mecanismos de cooperação com os países do Sul. Sem uma melhor distribuição da riqueza a nível mundial, as regiões onde a pobreza é endémica serão sempre uma fonte potencial de migrantes – como Portugal foi, tantas vezes, ao longo da sua história. Apenas a criação de condições para o desenvolvimento poderá suavizar, a longo prazo, a pressão. Isto implica um reforço da cooperação mundial, uma maior igualdade na produção e na repartição da riqueza e, também, uma melhoria das instituições.

Portugal e muitas das suas cidades têm vivido, nas últimas décadas, a Norte e a Sul do mundo. A presença portuguesa na União Europeia, incluindo o acesso aos mecanismos de coesão, tem facilitado o seu desenvolvimento. Mas não deixamos de continuar longe da convergência com os rendimentos dos países mais ricos. Recebemos fluxos migratórios de cidadãos

europeus, muitos deles reformados, em busca de melhor qualidade de vida, ao mesmo tempo que muitos portugueses continuam a procurar a Europa em busca de rendimentos mais elevados. Em simultâneo, acolhemos migrantes e refugiados oriundos de populações empobrecidas de outros continentes.

O posicionamento particular do país tem ajudado a que muitas das suas instituições continuem a procurar uma política construtiva para as migrações. Em vários indicadores, como o das políticas de integração de imigrantes, Portugal ocupa um lugar muito destacado entre as melhores práticas a nível mundial. Mas a diferença interna de opiniões em relação a este problema vai continuar e até se pode agravar: há cidadãos portugueses mais e menos empenhados na recepção de imigrantes e refugiados. E existe também heterogeneidade e polarização de opiniões no seio de outros países europeus, incluindo os que estão mais a Norte.

O papel de Portugal e o das suas cidades no complexo xadrez europeu e mundial deve ser o de continuar a enfrentar problemas e propor soluções. Devemos ser uma plataforma mundial para a reflexão e o diálogo entre os países do Norte e do Sul. Nada garante que as melhores escolhas sejam feitas. Mas é importante que, nas encruzilhadas em que vivemos, saibamos procurar informação e ponderar o melhor caminho.

artigo 04

Faro, lugar de encontros ...

João Pedro Bernardes

Doutorado em Arqueologia pela Universidade de Coimbra e professor associado com agregação da Universidade do Algarve. Tem participado e liderado projetos de investigação de âmbito nacional e internacional, versando temas de Arqueologia romana e de valorização do Património Cultural. Tem cerca de centena e meia de títulos publicados, entre livros, colaborações em obras coletivas e revistas científicas do país e do estrangeiro.

Sem cair em determinismos geográficos excessivos, parece evidente que a posição do Algarve, entre o Atlântico e o Mediterrâneo, entre o Norte e o Sul, e onde o Oriente encontra o Ocidente, é essencial a qualquer entendimento desta região. É aqui, neste pré-Mediterrâneo, que a afirmação de Pequito Rebelo (retomada por Orlando Ribeiro) de que Portugal tem posição atlântica, mas vocação mediterrânica, assume a sua maior expressão e sentido. É aqui, como diria Camões, numa visão centro europeísta fundada a partir do Mediterrâneo, que "a terra se acaba e o mar começa", mas também onde o Norte se faz Sul.

Mas esta região é muito mais do que um ponto de charneira geográfica; é também, e sobretudo, um ponto de encontros culturais ao longo da História, projetada hoje no seu Património e nas vivências quotidianas. Ponto de passagem marítima, aqui sempre se encontraram povos e tradições, as do Norte com as do Sul, as do Oriente com as do Ocidente e essas todas com as autóctones; assim se foi construindo a Região, nas suas vivências, paisagens e ambiências, os três elementos constituintes da sua identidade mais forte e genuína!

Quem, das janelas do Mundo, olha, de forma mais ou menos atenta, para o Algarve, acabará por ver esse espaço de encontros, independentemente do local de observação, tal como o refletido nos textos de Mike Van Graan que, a partir da região do Atlântico Sul, o vê como o "Norte do Sul, Norte no Sul, Sul com Norte"; ou a perspetiva de um Ocidente que prolonga o Oriente quando a mirada é tirada a partir daí, como o faz Junaid Sarieddeen; ou ainda a noção de encruzilhada, face aos desafios atuais, perspetivada pelo conterrâneo João Peixoto.

Estes encontros da natura e da cultura tornam o Algarve, hoje como ontem, num espaço de diálogos;

diálogos inter-geracionais e interculturais, concerteza, mas também intercivilizacionais e inter-temporais, ditando a configuração do sítio e do seu Património, ou seja, a textura do lugar. É, pois, natural que em Faro, num espaço originalmente com reminiscências de ocupação fenícia oriental, se construa há dois mil anos uma cidade romana ocidental, primeiro pagã, depois católica apostólica, cujas pedras vemos hoje paredes meias com uma porta islâmica, de há mil anos, encimada por uma ermida cristã ... e isto tudo num mesmo pequeno espaço: a "Porta da Vila".

São estas passagens e permanências culturais, estes lugares com tempo, envoltos em um ambiente natural, também ele de mistura, que marcam a textura, o ambiente e as ambiências desta terra, que a tornam única e autêntica. Quem passeia pela parte antiga de Faro, sente essa genuinidade do lugar, a espessura do tempo a cada canto da cidade, pintado por laivos de luz sideral de matiz marítima e terrestre, rasgando um ar temperado pelo forte odor de esteva da serra, entrecortado pelos cheiros mais frescos da brisa da ria. Quem quer que venha a Faro sente-se bem aqui, pois que dos seus lugares transpira uma autenticidade construída da interação mútua de identidades.

Hoje Faro continua a ser essa terra de Encontros onde todos os dias, e apesar da Pandemia, chegam diferentes povos que descem sobretudo do Norte até ao Sul, mas também, e cada vez mais, de uma mão de obra de um Oriente longínquo. Continua também a ser ponto de passagem, de chegada e de partida, de pessoas, de bens, de novas espécies agrícolas, tudo pressionando os recursos da Região e trazendo para a primeira linha um dos problemas que sempre marcou esta e outras regiões mediterrânicas: a escassez de água.

Por ser essa terra de encontros entre mares, entre terra e mar, de identidades onde o Sul encontra o Norte e o Oriente o Ocidente, Faro encontra-se hoje em posição privilegiada para compreender e contribuir com respostas válidas para os grandes desafios da contemporaneidade: a crise climática e as migrações/diferenças Sul/Norte que a Pandemia tão bem evidenciou e acentuou. A sua vocação dialogante inter-temporal e inter-cultural, transmitida e afirmada nas mais diversas dimensões do seu Património, constituem hoje, num mundo global, garante da sua afirmação como referente futuro, assim sejam preservadas essas dimensões de genuinidade e autenticidade.

artigo 05

Faro é o Norte do Sul ou o Sul do Norte?

Raquel Carvalheira

É investigadora do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) e professora Auxiliar Convidada do Departamento de Antropologia da Universidade Nova de Lisboa. Doutorada em Antropologia pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, a sua investigação dedicou-se ao estudo do parentesco em Marrocos, com particular enfoque sobre o estatuto e posição das mulheres nas dinâmicas familiares. Desde 2017 é investigadora de Pós-Doutoramento FCT e o seu tema actual de pesquisa versa sobre o Islão, as questões de género e as práticas caritativas entre os muçulmanos em Portugal.

Joana Lucas

Doutorada em Antropologia (2014) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH), é actualmente investigadora integrada do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) e Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH). A sua investigação de pós-doutoramento debruça-se sobre a relação entre alimentação e património, tendo como estudo de caso a classificação da "Dieta Mediterrânica" enquanto património cultural imaterial pela UNESCO (2010, 2013), realizando trabalho de terreno em Marrocos (Chefchaouen) e Portugal (Tavira).

Norte para uns, sul para outros. No limite, trata-se sempre de olhar para a posição, para as cartografias do centro e da periferia e para o lugar onde nos encontramos e a partir do qual observamos o mundo. Os pontos cardeais, aparentes referências inócuas de orientação no espaço físico são, desde há muito, instrumentos de diferenciação, dividindo o mundo em histórias de dominação e subordinação. É essa ambivalência, criada entre o uso inocente da referenciação espacial e a fragmentação do mundo através de fronteiras, terrestres e marítimas, que queremos enfatizar neste texto.

A reflexão, iniciada pelos textos que precederam este, mostra que ao pensarmos o Norte e o Sul podemos ser conduzidos por caminhos sinuosos. Como situar uma cidade - neste caso Faro - no mapa-mundo das hierarquias mundiais? Como falar do Norte e do Sul sem convocar as relações coloniais, como faz Mike van Graan? Sem discutir o Algarb (vocábulo árabe que origina a palavra Algarve) como faz Junaid Sarieddeen e, consequentemente, a história da presença árabe em Portugal, tantas vezes retratada como de oposição ao invés de complementaridade? Sem reconhecer, como o faz João Peixoto, a posição actual altamente periférica de Portugal como Estado-membro da União Europeia? Ou ainda, sem identificar a escassez de água como um dos grandes problemas desta região, exercício levado a cabo por João Pedro Bernardes?

Todas estas questões são essenciais para o presente e para o futuro. Não pode haver projecto de revitalização patrimonial que não reconheça os caminhos que ligam o Norte e o Sul. Por exemplo, o que justifica a falta de relações mais efectivas com Marrocos (para além das relações comerciais e pontuais eventos culturais), país com o qual se tem estado de costas voltadas? Como explicar que um dos maiores escritores marroquinos, Muhammad Chukri

- cujo aclamado livro “Pão Seco” foi traduzido para inglês e francês nos anos setenta e oitenta do século passado - só mereça uma tradução para português em 2021? Ou que não exista em Portugal uma única licenciatura em língua e cultura árabes? São estes anacronismos, entre outros, que perpetuam um desconhecimento face à cultura e às sociedades norte-africanas, apesar de séculos de influências mútuas, migrações e trocas.

As heranças árabes presentes na cultura material e imaterial, muitas vezes relembradas em projectos escolares, museológicos e identitários, podem ser o ponto de partida para novos olhares. Agilizar um investimento que reconheça e visibilize, por exemplo, as práticas gastronómicas materializadas na confecção da cataplana e na doçaria regional, mas que se debruce também, concomitantemente, sobre os marroquinos que vivem actualmente em Faro e seus arredores, e que trabalham na agricultura. Ou, por outro lado, sublinhar o legado patrimonial de uma população escravizada, materializado, por exemplo, nas figuras sacras negras do século XVI que podemos encontrar nas igrejas de Faro e, simultaneamente, dinamizar o conhecimento em torno da cultura e vidas negras actuais, que questionam visões simplistas do que é a portugalidade.

Mas se os movimentos migratórios procuram, quase sempre, um Norte para o seu Sul - que aqui pode ser personificado por Faro - e nele um vislumbre de uma Europa que lhes trará melhores condições de vida, também os turistas procuram algo neste Sul do seu Norte, para onde partem em confortáveis viagens e em busca do cartão postal do “Allgarve” do sol, mar e pacatez. Onde uns procuram trabalho, outros procuram lazer.

A construção dos lugares, e dos seus significados,

é efectivamente um exercício de posicionamento no mundo: dependendo de onde estamos, olhamos para ele condicionados por esse lugar de observação, e pelos privilégios - ou pela falta deles - que esse lugar nos dá.

Haverá que pensar em Faro - no que representa e nas suas múltiplas possibilidades de leitura - a partir da consciência da plasticidade da sua condição enquanto lugar, e das polifonias que sobre si constroem uma narrativa. Muitas narrativas.

Faro não é um lugar unívoco. Contém, em si, muitos lugares. E é este o posicionamento que Faro pode reclamar para si, procurando, através do seu legado histórico e patrimonial, relançar a discussão em torno das assimetrias entre Norte e Sul, entre os centros e as periferias.

artigo 06

Floating Spaces: uma oportunidade de urbanismo inclusivo em Faro

Jone Belausteguigoitia

Arquiteta pela Universidade de Navarra (com o mestrado avançado), é também mestre em Estudos Avançados de Arquitetura Paisagista (MASLA, Universidade da Colúmbia Britânica, Canadá, 2007). Atualmente está a fazer um doutoramento em Estratégias Científicas Interdisciplinares em Património e Paisagem (ECIPP) na Universidade do País Basco sobre urbanismo inclusivo, participação cidadã e design sustentável. Cofundadora do Lur Studio.

Será que o atual modelo urbano de Faro satisfaz as necessidades quotidianas dos seus cidadãos? Ou seja, as pessoas conseguem morar, trabalhar, desfrutar, socializar e mover-se de forma segura e agradável dentro da cidade tal como ela se apresenta atualmente? Ou poderia Faro melhorar, proporcionando uma melhor qualidade de vida? Extravasando a noção de um "cidadão-padrão", responde a cidade às necessidades de toda a gente? Refiro-me a homens e mulheres, crianças e idosos, ricos e pobres, locais e estrangeiros, e assim por diante. Há certamente margem para melhorias.

A questão do impacto das cidades na nossa qualidade de vida

A proporção de população urbana que vive em favelas aumentou para 24% em 2018, mais de metade da população mundial não tem atualmente um espaço público ao ar livre a uma curta distância das suas casas (400 metros ou 5 minutos a pé), só metade tem acesso adequado a transportes públicos (500 a 1000 metros), e muitos veem-se impactados pela poluição do ar, que, só em 2016, causou 4,2 milhões de mortes. Introduzindo a COVID-19 na equação, mais de 90% dos casos estão a ocorrer em áreas urbanas. Estes são apenas alguns dados globais para argumentar sobre a necessidade de trabalhar mais arduamente para o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU n.º 11: "Tornar as cidades e comunidades inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis".

Neste contexto, o 'Relatório das Cidades Mundiais 2020' afirma de forma convincente que "cidades e vilas bem planeadas, administradas e financiadas criam

valor que pode ser aproveitado para construir cidades resilientes que podem recuperar mais facilmente dos impactos devastadores de pandemias, melhorar a qualidade de vida de todos os residentes e ser alavancadas na luta contra a pobreza, a desigualdade, o desemprego, as alterações climáticas e outros desafios globais urgentes". Na Europa, os ministros da Comunidade Europeia responsáveis por questões urbanas adotaram em novembro de 2020 a nova Carta de Leipzig, que reformula a visão de sustentabilidade nas suas três dimensões – social, ecológica e económica –, reformulando-a para transformações urbanas e defendendo a 'Cidade Justa', a 'Cidade Verde' e a 'Cidade Produtiva'. Este diálogo complexo é, portanto, transnacional, aplicável não só à realidade de Faro, mas também à de tantas outras cidades, com desafios comuns mesmo em contextos diversos.

Floating Spaces: A oportunidade de Faro para um modelo urbano mais inclusivo e sustentável

Então, como podemos materializar este modelo em Faro? O Floating Spaces, um dos quatro pilares do compromisso a longo prazo da cidade com a cultura, representa uma oportunidade importante de regenerar Faro. Com uma realidade claramente turística, o tecido urbano de Faro tem lugares abandonados, vagos, expectantes, não-lugares. Este é um problema muito comum em cidades pós-industriais, referido como "vazios urbanos", "zonas industriais", "terrenos baldios" ou "áreas periféricas", entre os termos mais comuns.

O Floating Spaces também alude à relação de Faro com a água, e à respetiva necessidade de uma reflexão crítica sobre esta relação, sobre a Zona Ribeirinha, e sobre a água versus a terra. Mais uma vez, este não é um problema exclusivo à realidade farense. Como muitas outras cidades europeias e norte-americanas que viraram as costas aos seus litorais e rios, Faro cresceu de costas para o seu bem natural mais importante: a Ria Formosa. Tudo em nome da produtividade e da eficiência dos solos, levando a que os melhores terrenos fossem disponibilizados para infraestruturas: o comboio que parece um muro de Berlim entre a cidade e a Ria.

Neste cenário, transformar os floating spaces existentes tem o potencial de curar e de melhorar a qualidade de vida em Faro. Se projetada no âmbito de uma visão de sustentabilidade, a reintegração destes locais abandonados no contexto social, económico e ambiental de Faro poderia contribuir significativamente para: fazer melhorias no conceito de legibilidade da cidade, e na sua integração e mobilidade urbanas; tornar a cidade mais verde; construir comunidades completas; mitigar o impacto da urbanização; e resgatar a sua identidade[1]. Simultaneamente, tais requalificações urbanas devem considerar ir mais além do "cidadão-padrão", satisfazendo as necessidades de todo o conjunto de cidadãos. Um urbanismo inclusivo relativamente a género, idade e rendimentos que proporcione uma rede segura, de alta qualidade, acessível e conectada a instalações e serviços, além de espaços públicos, habitação e emprego para todos.

1 Adaptado a partir dos Six Goals for Brownfield Interventions ("Seis Objetivos para Intervenções em Áreas Industriais", em tradução livre) em: Belausteguigoitia, J., (2007). Urban Recycling I Reviving: The Contribution of Brownfield Interventions to a more Sustainable Urban Design ("Redinamização da Reciclagem Urbana I: A Contribuição de Intervenções em Zonas Industriais para um Design Urbano mais Sustentável", em tradução livre), tese de Mestrado em Arquitetura Paisagística apresentada à Universidade da Colúmbia Britânica (Link)

Algumas questões-chave para refletir: rumo à ação através da cultura

As principais áreas de impacto para uma transformação inteligente, inclusiva e sustentável dos floating spaces de Faro, de modo a melhorar a cidade como um todo, não envolvem apenas o que será construído nesses espaços, mas como estes estarão vinculados. Em termos do que poderia ser construído, os desenvolvimentos de uso misto são a base para comunidades completas, oferecendo locais para viver, trabalhar, socializar e atender às necessidades diárias em curtas distâncias a pé. Isto adquiriu particular relevância em todo o mundo com as restrições da pandemia, inspirando o modelo de cidade de 15 minutos de Paris (que poderia ser adaptado a Faro como um modelo de 5-10 minutos). Devemos reconhecer que o conceito de construir uma cidade de proximidade não é novo; está nas nossas próprias raízes, no modelo tradicional europeu de cidade compacta.

Desta forma, devemos reconsiderar o que Faro precisa e o que lhe falta, onde aplicar esses esforços, como precisa de estar interconectada dentro dos bairros da cidade e região, e como tal pode ser alcançado. Barcelona oferece um exemplo interessante de ação através da cultura para melhorar a mobilidade sustentável e saudável em plena pandemia. Foi implementada uma solução efémera em apenas alguns dias para melhorar a mobilidade durante a COVID e pós-COVID. A cidade criou uma nova rede pedonal e ciclável recorrendo às vias públicas, pintando-as com desenhos criativos em azul ou amarelo. O código de cores indica claramente aos motoristas que não podem circular nessas faixas, que estão reservadas para pedestres e ciclistas. Esta iniciativa criativa e de baixo custo é um meio de redistribuir uma área urbana que destinou

excessivo espaço aos veículos privados poluentes, muitas vezes ocupados por apenas uma pessoa, em nome da modernização, criando uma dependência global de carros e afastando-nos do nosso legado como pedestres.

A ação através da cultura também pode ser alcançada na marginal de Faro com a proposta "Quilómetro Cultural", que integra instalações culturais e espaços públicos abertos abrangidos nos diferentes projetos para o Passeio Ribeirinho, o Passeio Marítimo e a requalificação do eixo central. Neste sentido, determinadas instalações culturais como a Fábrica da Cerveja podem desempenhar um papel fundamental na transformação urbana de Faro. Qual seria o novo uso desejado? E como podem edifícios semelhantes e floating spaces contribuir para uma cidade produtiva, para o turismo e para uma nova economia? Uma abordagem intermédia não é necessariamente só espacial, também pode ser temporal. As transformações urbanas tardam muito tempo entre as fases de planeamento e construção. Zorrotzaurre, em Bilbau, proporciona um exemplo do potencial cultural para uso intermediário. No início do milénio, foi projetado um novo plano-mestre para um espaço de 58 hectares, que continua em processo de urbanização e com muitos edifícios ainda a serem construídos. A Zorrotzaurre Art Work in Progress (ZAWP), nascida em 2008 para apoiar o plano urbano neste "entretanto", é hoje um movimento consolidado que trabalha na revitalização social, económica e cultural de Zorrotzaurre através da criação, intervenção e melhoria da memória da península.

Ao considerarmos a regeneração urbana e o urbanismo inclusivo, não devemos esquecer-nos da habitação, designadamente da acessibilidade, da diversidade de habitações para diferentes tipos de agregados familiares (famílias, solteiros, jovens, idosos, etc.), e até mesmo da

diversidade de modelos de habitação, como a coabitação. É sempre enriquecedor refletir sobre os elementos que constituem uma habitação, e se e como respondem às necessidades dos moradores. Neste sentido, o projeto das açoteias/rooftops de Faro representa um exemplo interessante da recuperação de um elemento-chave da identidade arquitetónica do sul da Europa, com manifestos benefícios sociais, ambientais e até económicos, integrados na recuperação destes terraços como espaços públicos destinados à criatividade e à cultura. Uma oportunidade que se pode estender a outras cidades europeias, sem se restringir apenas às do sul europeu.

Todas estas questões devem ser abordadas dentro de uma visão regional. Conforme destacado na nova Carta Europeia de Leipzig, há três dimensões espaciais que são pertinentes para conseguir uma 'Cidade Justa', uma 'Cidade Verde' e uma 'Cidade Produtiva': o bairro, o município e, num sentido mais lato, a nível funcional, regional e metropolitano.

Redesenhar Faro para a sua população, COM a sua população

Por último, mas não menos importante, uma recomendação para a transformação urbana de Faro: projetá-la e planeá-la não apenas para a sua população, mas também com ela. A participação do cidadão na abordagem à transformação urbana de Faro deve compreender o "quê", o "quem" relativamente a urbanismo inclusivo, e o "como". Estes três conceitos estão inter-relacionados, estando o sucesso do "quê" condicionado ao sucesso do "quem", que por sua vez está condicionado ao sucesso do "como". Esta abordagem holística entre o "quê-

quem-como" proporcionará benefícios para a comunidade, para a administração pública e até mesmo para o setor privado. Apesar do tempo, esforço e desafios que requer, uma abordagem de urbanismo inclusivo, que considera diversos pontos de vista e permite uma participação informada, é essencial para conseguir um design e planeamento verdadeiramente sustentáveis, capazes de atender às necessidades de diversas gerações, tanto atuais como futuras.

Referências

Belausteguigoitia, J., (2007). Urban Recycling I Reviving: The Contribution of Brownfield Interventions to a more Sustainable Urban Design ("Redinamização da Reciclagem Urbana I: A Contribuição de Intervenções em Zonas Industriais para um Design Urbano mais Sustentável", em tradução livre), tese de Mestrado em Arquitetura Paisagística apresentada à Universidade da Colúmbia Britânica (Link).

Belausteguigoitia, J., (2019). Inclusive Urbanism, Sustainable Design and Community Engagement: A Holistic Approach, (Urbanismo Inclusivo, Design Sustentável e Participação Comunitário: Uma Abordagem Holística", em tradução livre), Cidades Sustentáveis 2019, Valência (Link).

Cidade de Faro (2021). Europe lives here ("A Europa vive aqui", em tradução livre), Faro 2027 A Long-term Commitment with Culture (Um Compromisso a Longo Prazo com a Cultura, em tradução livre).

Comissão Europeia (2020). Nova Carta de Leipzig: O poder transformador das cidades para o bem comum. Adotada na Reunião Informal dos Ministros da UE Responsáveis pelos Assuntos Urbanos a 30 de novembro de 2020.

Echarri, M., (2020). El código de colores con el que Barcelona ha empezado a sacar los coches de la ciudad, "El País", 17 de setembro de 2020 (Link).

ONU-Habitat (2020). O Valor da Urbanização Sustentável (Link).

ONU-Habitat (2021). Cidades e Pandemias: Rumo a um Futuro mais Justo, Verde e Saudável (Link).

Yeung, P. (2021). How '15-minute cities' will change the way we socialise ("Como as 'cidades de 15 minutos' vão mudar a forma como socializamos", em tradução livre), BBC, 4 de janeiro de 2021 (Link).

Zorrotzaurre Art Work in Progress (ZAWP), Bilbau, https://www.zawp.org/

Do Turismo à Cultura: metamorfose desejável?

01. Greg Richards
02. Saúl Neves de Jesus
03. Alexandra Gonçalves
04. João Filipe Marques
05. Mirian Nogueira Tavares

Alcançará Faro ser a capital de cultura de que o Algarve precisa? Ou o Algarve não precisa de cultura capital? Ou não quer? Demolir hotéis e bares de praia para erguer museus e teatros? É a Cultura a peça que falta ao motor de arranque da reinvenção económica do Algarve, focada nas necessidades e expectativas das comunidades locais? Será este o momento em que os visitados ganham preponderância face aos visitantes? Ou basta transformar o turismo de sol e praia em turismo cultural? A "mudança" é a palavra de ordem: mas, será preciso mudar para que tudo fique exactamente como está?

artigo 01

Faro: De capital turística a capital da cultura?

Greg Richards

O coinventor do conceito de Turismo Criativo. Professor de Placemaking e Eventos na Universidade de Ciências Aplicadas de Breda e Professor de Estudos de Lazer na Universidade de Tilburg, Países Baixos. Tem uma vasta experiência em educação e pesquisa em turismo, com trabalhos anteriores publicados no Reino Unido e em Espanha. Atualmente, as suas pesquisas focam-se no uso criativo do espaço para o desenvolvimento cultural, social e económico.

Faro, Capital Europeia da Cultura 2027? Trata-se de um grande desafio para uma pequena cidade, mais conhecida pelo turismo do que pela cultura. E contudo, como explicamos no nosso recente livro Small Cities with Big Dreams, se as pequenas cidades tiverem sonhos suficientemente ambiciosos, também elas poderão alcançar objetivos importantes e surpreendentes. É claro que outras cidades de Portugal partilham desta opinião, uma vez que se encontram atualmente dez cidades portuguesas a disputar o título de Capital Europeia da Cultura (CEC) para 2027. Porque é a designação como CEC tão popular? Porque pode ajudar as cidades a realizarem os seus sonhos através de um impulso cultural e criativo, estimulando a economia, aperfeiçoando a imagem que pretendem promover, ou aumentando a sua coesão social.

O que distingue Faro enquanto cidade é o seu papel como capital do Algarve, uma das regiões turísticas mais importantes da Europa. O turismo é responsável por 80% da economia de Faro – assim sendo, qual é o espaço que sobra para a cultura? Na verdade, Faro compartilha uma cultura de turismo com grande parte da Europa mediterrânea. Os seus campos, antigamente dedicados a culturas agrícolas, tornaram-se centros de atração para os turistas, dando origem a uma nova indústria muito importante em Portugal. Mas uma visão puramente económica do turismo é muito limitadora. Se encararmos os turistas apenas como uma fonte de rendimento, então o Algarve (e grande parte do sul da Europa) está a apostar numa monocultura extremamente arriscada. A pandemia tem-nos mostrado os perigos do excesso de confiança no turismo em massa, pairando sobre o Mediterrâneo o espectro desolador de um futuro puramente industrial e deserto. Que perspetivas existem para o rejuvenescimento do turismo, ou para o desenvolvimento de novas alternativas mais criativas?

Alcançar uma visão cultural do turismo é um bom ponto de partida. Os turistas não são apenas sinónimo de um fluxo monetário: com eles trazem também uma cultura própria, criatividade e novas ideias. É importante abandonarmos a velha conceção de que devemos perseguir o turismo em massa, em favor de uma procura crescente por conhecimento, de modo a desenvolvermos uma economia criativa. O Algarve sempre foi um ponto de encontro de culturas, um autêntico caldeirão criativo. Não há lugar melhor para visitar e experimentar algo inovador (como as oficinas de culinária, pintura e tecelagem oferecidas pela Loulé Criativo), ou para construir uma vida mais imaginativa, como artistas expatriados ou empreendedores criativos. O encanto natural do Algarve significa que pode ser adicionada massa criativa ao aliciar novos 'cidadãos temporários': turistas, estudantes e nómadas digitais. Estes recém-chegados estimulam a inovação e impulsionam a mudança através não só do seu consumo, mas também, e cada vez mais, através do seu papel como produtores culturais e criativos.

Uma colaboração de sucesso é uma estratégia fundamental para o desenvolvimento de massa crítica criativa, como o exemplo das CEC anteriores que foram selecionadas pode atestar. A CEC Luxemburgo 2007 contou com a participação não só da pequena cidade do Luxemburgo, mas também com parceiros em França, na Alemanha e na Bélgica, reunindo uma população total de 11 milhões para encenar um impressionante e variado programa cultural. Em 2017, a cidade cipriota de Pafos, que tem uma população semelhante à de Faro, conseguiu ultrapassar desafios financeiros e organizar um evento CEC de êxito, através da sua colaboração com parceiros regionais. A construção de parcerias permite que as cidades alcancem mais do que os seus recursos permitiriam por si só, desenvolvendo mais-

valias de networking. Os próprios turistas podem tornar-se parceiros: a CEC 2019 em Matera, no sul da Itália, concedeu passaportes aos seus turistas, tornando-os "cidadãos temporários" e incentivando-os a participar diretamente na vida criativa da cidade.

De resto, Faro já mostrou anteriormente que compreende as bases de uma colaboração criativa: o festival das Açoteias (Rooftops) de 2019 proporcionou aos residentes e visitantes uma nova visão da cidade e gerou uma publicidade considerável. Acima de tudo, a European Rooftop Network que foi fundada no seguimento deste festival colocou Faro no centro de uma rede que inclui cidades muito maiores, como Barcelona e Amesterdão. Faro também já demonstrou o seu potencial criativo na criação de conceitos como o projeto Nova Bauhaus - uma conceptualização inesperada e criativa de um dos efeitos secundários do turismo: a produção de uma nova arquitetura. Este projeto está ligado à iniciativa europeia New European Bauhaus, que combina o património cultural com uma nova forma de pensar sobre o espaço, a arquitetura e a sustentabilidade. Outro exemplo importante da criatividade de Faro é a ligação do conceito de CEC ao planeamento de longo prazo para o Plano Estratégico para a Cultura (PeC) de 2030.

Mas o Algarve deve ir mais além, não se devendo limitar a considerar apenas o elemento cultural. Esta região deve ser capaz de aproveitar também a sua herança como o "Cabo Canaveral do século XVII", de modo a promover uma plataforma de lançamento para novas descobertas criativas. O objetivo é abordar a falta de inovação comum à maioria dos destinos turísticos com uma visão do cinturão solar português: um destino desejado não só por quem já se encontra na reforma, mas também por nómadas digitais, empresas de alta tecnologia e outros cidadãos

europeus em movimento. O contacto de todas estas pessoas com a cultura local é importante. Um estudo recente da Universidade do Algarve sobre os hábitos gastronómicos dos turistas mostra que estes podem ser incentivados a consumir mais peixe e marisco locais, e a comer alimentos mais saudáveis em geral, na sua procura de autenticidade e novas experiências.

Estas descobertas podem gerar formas mais positivas de turismo, especialmente se o sentido de urgência devido à pandemia atual for utilizado de forma criativa. Uma mudança de viagens curtas para estadias mais longas irá proporcionar a qualquer viajante a possibilidade de realmente viver na pele o local que visita. O foco da nossa atenção também deve mudar, dos turistas que apenas consomem cultura para aqueles que a co-produzem, por exemplo: em escolas de culinária, residências artísticas e bootcamps criativos. O principal objetivo deverá ser criar e capitalizar as diversas formas de valor geradas por quem vive e por quem se desloca pelo Algarve. A inovação e a criatividade devem aumentar por causa do turismo, e não apesar deste. Desta forma, Faro poderá ser também uma pequena cidade que transforma os seus grandes sonhos em realidade.

Faro Capital Europeia da Cultura 2027: Um projeto integrador e temporalmente consistente, que engloba pessoas e entidades regionais

Saúl Neves de Jesus

Professor Catedrático da Universidade do Algarve, sendo atualmente Vice-reitor para a Educação e Cultura, desempenhando também as funções de Diretor do Curso de Doutoramento em Psicologia. Tem um Pós-doutoramento em Artes Visuais. Já foi Presidente do Conselho Diretivo, Presidente do Conselho Científico e Presidente do Conselho Pedagógico da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Desde 2012 é o representante de Portugal na "Stress and Anxiety International Research" (STAR).

São 11 as cidades portuguesas que estão a preparar a candidatura a Capital Europeia da Cultura 2027, mostrando o dinamismo e vitalidade dos vários municípios e regiões envolvidos neste processo, o que podemos considerar significativo dada a dimensão de Portugal no território europeu.

Sem querer fazer uma análise SWAT sobre os pontos fortes e fracos das várias cidades portuguesas que estão a preparar a candidatura a Capital Europeia da Cultura 2027, seguramente que todas elas beneficiarão de se preparem para o efeito e de descobrirem os futuros caminhos de desenvolvimento nos quais a cultura aparece como um eixo fundamental.

Deste modo, a candidatura de Faro a Capital Europeia da Cultura 2027 é certamente um desafio e uma oportunidade de desenvolvimento, não só para Faro, mas para toda a região algarvia, independentemente do resultado que possa ser alcançado.

No entanto, será vantajoso ser a cidade selecionada, pois permitirá a realização de projetos ou "sonhos" (usando a expressão de Greg Richards) que, caso contrário, teriam maiores dificuldades para se realizarem.

E há muitos argumentos que justificam esta escolha.

Desde o início, mais do que um projeto para uma cidade, este é um projeto para a região mais bem definida de Portugal, o Algarve, sendo Faro a sua capital.

Uma vez que se trata de um âmbito europeu, a dimensão internacional de Faro é outro aspeto a destacar, com um aeroporto internacional a poucos quilómetros do centro da cidade.

A diversidade cultural, que está presente na história do Algarve desde o século XIII, desde que portugueses e mouros viviam em harmonia, tem vindo a acentuar-se nas últimas décadas com o aumento do turismo. Sendo o Algarve uma das regiões mais turísticas da Europa, a qualidade da sua oferta é reconhecida anualmente nos prémios internacionais que obtém.

Com sede em Faro, a Universidade do Algarve (UAlg), a única Instituição Pública de Ensino Superior (IPES) da região, reflete este ambiente de diversidade e tolerância multicultural, uma vez que é uma das IPES com maior percentagem de estudantes internacionais e com o maior número de países representados, dado que conta com estudantes de mais de 80 países.

É também nesta universidade que se baseia o centro de investigação melhor classificado da FCT na área do Turismo. É o Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-estar (CinTurs), e as dimensões da sustentabilidade e bem-estar dos turistas e residentes são aspetos essenciais estudados nas investigações realizadas.

Outro centro de investigação sediado na UAlg é o Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC), que também recebeu uma avaliação muito boa e realiza estudos na área das artes e cultura, em estreita proximidade com os municípios da região, a Direção Regional de Cultura e outras entidades regionais.

E é nesta articulação com os vários municípios e entidades do Algarve, em particular com a Universidade do Algarve, que esta candidatura pode tornar-se mais forte, numa perspetiva em que o todo é mais do que a soma das suas partes.

Mas também é essencial que os residentes se envolvam ativamente para tornar este projeto mais consistente e temporalmente relevante, e deste modo permitir o desenvolvimento da cidade e da região numa perspetiva de longo prazo, com benefícios para a economia regional e para o bem-estar dos habitantes.

O projeto Capital Europeia da Cultura de Faro 2027 não deve estar apenas focado no ano de 2027, com eventos que se multiplicam e visam apenas um aumento de turistas e de rendimentos nesse período específico.

Faro deve abraçar este projeto como uma oportunidade de coesão social e territorial, como "o trabalho de uma vida", como referiu Pascal Gielen, que igualmente sublinha que "a cidade terá de procurar artistas que queiram realmente mergulhar numa cultura local, na ecologia e no tecido urbano".

De igual modo, o turismo, que é responsável por uma grande parte da economia local e regional, terá de incorporar a componente cultural e apostar na qualidade da oferta, proporcionando estadias mais longas, para que turistas e residentes possam interagir, com benefícios para ambos. Como salienta Greg Richards, "o foco da nossa atenção também deve mudar, dos turistas que apenas consomem cultura para aqueles que a coproduzem".

A pandemia aumentou a dependência da tecnologia e permitiu descobrir que é possível viajar virtualmente e tornou possível que as pessoas conheçam locais e regiões desta forma. Por isso, o turismo deve estar cada vez mais focado em experiências significativas, com o impacto sensorial e afetivo a realçarem as vantagens do contacto real, em especial com os residentes e a cultura local. Como salienta Michal Hladky, "precisamos de mais conexões

a nível de empatia humana para entender e acolher de braços abertos aquilo que é diferente e aquilo que pode enriquecer as nossas vidas".

As pessoas procuram cada vez mais experiências significativas e transformadoras com efeitos a longo prazo, e não apenas experiências que produzem satisfação imediata, mas deixam um vazio temporal e emocional.

A cultura tem aqui um papel fundamental que permite conciliar o passado com o presente e o futuro dos locais visitados, dando assim consistência e identidade às experiências vividas, inclusive contribuindo para o equilíbrio, para a estabilidade emocional e para a resiliência tanto de turistas como de residentes.

Portanto, esta candidatura que se baseia na cultura como eixo integrador, deve ser um projeto tão envolvente quanto possível e focado na coesão social e territorial, numa perspetiva de longo prazo, de forma a colher benefícios para a economia e para o bem-estar dos residentes.

artigo 03

Um *Mar Novo*, um novo Algarve, um novo caminho

Alexandra Gonçalves

Diretora da Escola Superior de Gestão Hotelaria e Turismo, da Universidade do Algarve. Investigadora Integrada do CinTurs -Research Centre for Tourism, Sustainability and Well-being, University of Algarve, Portugal, com especial enfoque nas áreas do Turismo, Território, Património, Gestão Cultural e Indústrias Criativas. Desempenhou cargo de Diretora Regional de Cultura do Algarve de 16 de dezembro de 2013 a 15 de dezembro de 2018.

Faro tem a forte ambição de ser Capital Europeia da Cultura. Passaram cerca de 35 anos e cerca de 60 cidades por esta distinção. O que podemos ter de diferente de outras candidatas? Uma grande maioria incluiu na proposta de programação vários processos de regeneração urbana, novos equipamentos culturais e eventos diferenciadores. Para Faro e para o Algarve ser ECoC *(European Capital of Culture)* é a grande oportunidade de transformação da região.

Um grito de revolta e transformação é o que queremos como "obra" resultante do ECoC Faro 2027. Nesta reflexão destaco o mar como elemento que personifica o movimento, o espaço de nascimentos, de metamorfoses e de renascimentos; o caminho para outro Algarve.

Aqui se inicia a utopia. A crença que esta transformação pode ocorrer e nascer de um ímpeto regional e local, que tem associado o dínamo de Faro, Capital Europeia da Cultura 2027.

O mar tem na obra de Sophia de Mello Breyner um lugar especial e, em particular, na obra o "Mar Novo". A proposta de João Andresen (irmão de Sophia), com Júlio Resende e o Salvador Barata Feyo venceu o concurso para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres, com a proposta Mar Novo, que não foi concretizado (em 1956). A "obra" ficaria para sempre nos arquivos oficiais do Estado Novo, como muitas outras.

A litoralização da região trouxe um ordenamento com vista para o mar com um efeito urbanístico perverso, mas comum a todo o Mar Mediterrâneo - crescimento em altura do edificado, aumento da especulação imobiliária na faixa litoral, deterioração e abandono das características da construção de caracter endógeno, aculturação

pela introdução de padrões de estética dos outros, densificação dos aglomerados urbanos na zona costeira e despovoamento do interior, abandono das atividades primárias, terciarização da economia, entre outros impactos menos positivos.

Muitos veem o Algarve como um destino de férias balnear - visitantes internacionais e nacionais. Nós próprios não temos uma noção clara da nossa história e da sua importância nacional, pelo que, se assiste a reflexões permanentes sobre a perda de identidade e de orgulho próprio.

A nossa transição para a modernidade não se baseou em alterações tecnológicas significativas, mas na transformação da produção e na emergência de novas atividades associados ao turismo, à hotelaria e ao lazer. A maior transformação ocorrida na região nas últimas décadas resultou da construção do Aeroporto Internacional de Faro em 1965 e com ele, aconteceram a afirmação e o desenvolvimento do turismo.

Outra curiosidade identificada como importante tem a ver com o nosso nome de origem: *Al-Gharb*, o ocidental Al Andaluz, que veio dos árabes, porque para quem vem do Oriente, éramos o extremo Ocidente, hoje somos o Sul. Todavia, a identidade do Sul é caracterizada de uma forma um pouco diferente daquela dos povos de Oriente, onde a resiliência é uma característica principal (*algarvio marafade*).

De facto, no século XVI, um *diálogo mundial* foi iniciado a partir do Algarve, com as primeiras rotas marítimas africanas a serem desenhadas a partir do Barlavento algarvio (Lagos e Sagres). Naquele contexto ocorreram a miscigenação, a escravatura, a colonização

e tantos outros factos que a história datou e descreveu para a memória futura. Não é da evocação desses "feitos" que se pretende falar, mas da *Pangea*, e do recomeço de um diálogo intercontinental - do início de uma nova Viagem Global - que revela as nossas memórias, as nossas tradições e a nossa modernidade, e que traga um novo sentido para a região, através de um programa cultural que provoque a metamorfose e a mudança, no bom sentido da transformação.

É comumente reconhecido que Lagos e Sagres "deram novos Mundos ao Mundo", com tudo o que de bom e mau o colonialismo e a escravatura trouxeram. Por sua vez, também aconteceu inovação tecnológica (arte de navegação, construção naval, conhecimento geográfico) e as trocas comerciais e culturais (coisa que o Mar Mediterrâneo também catapultou no tempo dos romanos). O mar que nos separou foi também o que unificou, umas vezes trouxe tempestade, e outras a calmaria.

Uma reflexão semelhante pode ser feita sobre a serra e a terra, diz-nos o ditado "Passar as passas do Algarve" numa alusão às grandes dificuldades da história da agricultura regional. Os produtos agrícolas que noutras épocas eram produzidos de forma considerável na região - como os figos, as amêndoas, as alfarrobas e também as uvas, associados ao clima temperado, com vários dias de sol e chuva rara, levou à produção de frutos secos, dos quais a região foi grande produtora. A origem histórica do início da produção é desconhecida, mas desenvolve-se na região há séculos.

Estas frutas secas assumiam processos de produção artesanal que eram muito exigentes, pois a qualidade era fundamental e as sultanas tinham de secar de maneira uniforme. A produção era descrita como demorada e difícil, mas originava recursos principais de exportação da região

que eram transportados através de embarcações. Desta forma nasceu a expressão 'passar as passas do Algarve' ou 'as passinhas', utilizada sempre que mencionamos alguém que está a passar por uma grande provação ou sofrimento.

A massificação da atividade turística e o seu apogeu na segunda metade do século XX, associada ao turismo balnear, que se caraterizou nos países do Mediterrâneo pela sua monocultura, pela degradação do meio ambiente, pela sazonalidade da procura e pela associada banalização do produto "sol e mar", conduziu à necessidade de proteção, salvaguarda e crescente valorização do património natural e cultural (Audrerie, 1997; Cuvelier et al., 1994)[1]. É deste período o documento internacional designado por "Carta do Turismo Cultural" (1976), onde se estabelece uma definição de turismo cultural (IPPAR, 1996).

O património, enquanto noção de cultura, é mais recente do que se crê, na medida em que, o património cultural construído foi tradicionalmente um mero instrumento utilitário e a sua conservação assumida com uma perspetiva sobretudo de valor económico ou social. De facto, à noção de cultura da segunda metade do século passado correspondiam preocupações de conservação dos monumentos. O moderno conceito de património abrange todo o tipo de realizações humanas e não só os monumentos (Audrerie, 1997; Babelon e Chastel, 1994; Choay, 2000) integrando crescentemente a noção de *paisagem cultural*.

O alargamento da noção de património cultural, integrando aquilo a que se chamou de "novos patrimónios" - arquitetura rural, paisagem, jardins históricos, património industrial, património imaterial - coloca problemas às

1 Alguns excertos e passagens deste texto são objeto de publicação em capítulo de livro que se encontra em produção.

comunidades, que por restrições de meios humanos, financeiros, e até de outros recursos materiais, se veem obrigadas a selecionar, ou a priorizar, os bens a preservar. Os documentos mais recentes acentuam a chamada de atenção para a necessidade de planear e atuar em simultâneo na preservação do património, envolvendo a participação direta das populações e com base noutras formas de gestão (Gonçalves, 2013) (a Convenção de Faro é disso exemplo).

A própria palavra "cultura" expande-se ao mesmo tempo que se diversifica (cultura popular, culturas minoritárias, entre outras). Os museus são pioneiros na perceção da cultura como uma indústria, retirando-lhe o caráter de pura realização pessoal e atribuindo-lhe novas funções.

Os destinos turísticos utilizam cada vez mais as imagens do património como forma de afirmação da sua identidade, ao mesmo tempo que se assiste a um aumento da procura interna deste tipo de ofertas. Ainda que este tipo de turismo se tenha desenvolvido de forma equilibrada ao longo da primeira metade do século XX, o período mais espetacular do seu crescimento foram os últimos 60 anos, acompanhado com o crescimento do turismo internacional e das atividades de lazer. Mas hoje são também outros tempos em que o lazer significa ação e transformação, e em que o turista quer fazer parte integrante da experiência cultural. A pergunta que se coloca é se isso está a acontecer no Algarve, no património do Algarve e que turista é este?

O esforço colocado na criação de conteúdos de roteiros e itinerários de âmbito cultural tem-se perdido com o fim dos projetos associados, fundamentalmente, por falta de articulação e definição dos modelos de gestão e de governança, e pela carência de uma agenda continuada de programação. De mencionar será também, a agenda de

eventos dos programas como o *Allgarve* e o *365 Algarve* que parecem ter encontrado dificuldades em convencer os *stakeholders* nacionais e regionais, pelo que, ao fim de três ou quatro edições, foram extintos.

O acentuar do interesse em experimentar locais e atividades que representam de forma autêntica a história e povos do passado transformou o património em recurso turístico. Alguns destinos do Mediterrâneo conscientes de que estas ofertas podem ser fundamentais numa estratégia de diversificação das suas procuras, mas também no contributo para esbater a sazonalidade têm feito grande esforços de investimento em projetos culturais e de requalificação patrimonial. Contudo, será de encontrar propostas associadas ao território e às suas identidades, na medida em que não só os recursos não são iguais, mas sobretudo porque a experiência da visita cultural é hoje de maior interação e participação na sua produção por parte do visitante.

O turismo cultural tem sido timidamente assumido como fator estratégico para a qualificação da oferta turística, ou para a captação de novos turistas para Portugal e para a Região do Algarve. A Estratégia de Especialização Inteligente para o território afirma que a região deve adotar estratégias que incluam recursos naturais e edificados, procurando a sustentabilidade. As atividades culturais, os recursos naturais, o comércio especializado e tradicional, o artesanato, são apontados como elementos locais que contribuem para o modelo de inovação sustentado em recursos locais e no consumo de um turismo de proximidade, essenciais à valorização do território e diversificação da base económica regional.

A necessidade de salvaguardar o património, garantir a sustentabilidade ambiental e diversificar a oferta turística

na Região são pontos fundamentais. Os turistas dão hoje crescentemente prioridade a um consumo de proximidade (casa, família, estabilidade, meio ambiente), desejando um turismo mais cultural e com um reforço dos valores associados à sustentabilidade dos destinos. A procura por novas experiências, a valorização da natureza e a consciencialização ambiental são oportunidades para a região. A comunidade do destino tem de fazer parte da experiência turística.

Outros dados revelados demonstram que o Algarve é um destino de fidelização, mas também de exploração, pela diversidade de recursos e de paisagens que encerra num território bastante concentrado. A promoção de experiências diversificadas baseadas nas comunidades, na gastronomia, no clima, relacionadas com a saúde e bem-estar, a natureza e eventos festivos, assume um expressivo potencial de desenvolvimento (*vide* Serra at al., 2014).

É expetável que os viajantes procurem crescentemente um maior envolvimento com as comunidades e destinos que visitam, partilhando modos de ser e de estar com as comunidades que os recebem, descobrindo novas culturas e conhecendo o património, a natureza e a cultura locais (Gonçalves et al., 2005; Remoaldo et al., 2020). Os "novos viajantes" quererão experimentar algo novo, motivados pela oportunidade de imersão numa cultura diferente e de contacto com as comunidades. As experiências de turismo criativo constituem-se como oportunidades excelentes nesse sentido. Nas propostas de turismo criativo as comunidades locais são envolvidas nas experiências, cocriando com o turista: orientam oficinas, conduzem os participantes, trabalham em conjunto.

O projeto CREATOUR[2] no Algarve constituiu-se como um exemplo de uma pequena rede informal de agentes com vista a atrair turistas para fora das zonas costeiras e dos circuitos turísticos tradicionais, oferecendo-lhes a oportunidade de interagir de muito perto com as comunidades e de conhecer e aprender os saberes-fazer locais.

Na região do Algarve as ofertas turísticas e culturais, como as do turismo criativo, que vão ao encontro das expetativas de turistas que procuram estar informados, bem como aprender e conhecer mais sobre as culturas dos destinos, devem ser estabelecidas como estratégias de valorização do território, fazendo uso dos seus recursos endógenos.

O caminho para o desenvolvimento e sustentabilidade de áreas de interior e rurais de pequena dimensão, afastadas dos grandes centros de procura turística é o de um turismo fortemente ligado aos lugares, às pessoas e ao património. No Algarve acontecem experiências que fazem os participantes - visitantes e residentes - sentir-se especiais, num lugar especial. O "Algarve" de Torga era diferente de todo o país (27-7-1982):

O mistério do mar,
O milagre do sol
E a graça da paisagem
Na moldura dos olhos.
E a paz feliz de que tenho o que é meu.
Ah, terra bem amada!
Bênção da natureza
Caiada de pureza

2 CREATOUR: Desenvolver Destinos de Turismo Criativo em Cidades de Pequena Dimensão e Áreas Rurais – projeto n.º 16437 – financiado pelo Programa de Atividades Conjuntas (PAC) do Portugal 2020, através do COMPETE 2020, POR Lisboa, POR Algarve e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, em parceria com CES, LAB2PT, DIN MIA'CET-IUL, CIDEHUS, CIEO (06/2016-06/2020) (https://creatour.pt).

E nimbada
De saudade.
Algarve. Liberdade
Dos sentidos.
Férias ao sul
Da imaginação.
Ainda a mesma nação,
Mas com outros sinais.
E a memória também
De que todo o além
Começa neste cais.

No Algarve, há atividades que envolvem visitantes e comunidades residentes em experiências partilhadas, que resultam em momentos únicos e contribuem para a afirmação das identidades locais. Existem ofertas que constroem parcerias, capacitam as comunidades e outros agentes turísticos, que respondem às necessidades de diversificação diagnosticadas e que podem ser parte duma estratégia de desenvolvimento sustentável.

Quase em conclusão, verifica-se que realmente precisamos de uma Visão de Futuro, centrada na ideia de "Novos Mares, Novos Caminhos" que reescreva o novo Algarve através da cultura, incluindo o turismo. Tal como a ideia do Palimpsesto, precisamos de reescrever a partir da reciclagem, da água, do naval e do marítimo, sem apagar as coisas más, mas usando-as como plataformas e lições à Humanidade. Sabemos que se atravessa uma nova crise motivada pela Pandemia e como a crise social afetou principalmente o turismo e o emprego cultural. O Bem-Estar que se procura proporcionar aos turistas está diretamente relacionado com o Bem-Viver das comunidades residentes. Não é o espetáculo que se pretende, mas a verdadeira metamorfose.

Algumas das questões de partida incluem: Como ter uma economia baseada em atividades o ano todo? Como ser mais uma região mais sustentável? Como tornar-se mais inclusivo? Como resolver os problemas de acessibilidade? Como ser um destino cultural?

Numa entrevista ao *Le Monde*, em dezembro de 2010, Edgar Morin afirmava: "A ideia de metamorfose é mais rica do que a ideia de revolução, pois guarda a radicalidade transformadora, mas liga-a à conservação (da vida, do património cultural). Para ir rumo à metamorfose, como mudar de caminho? Mas se parece possível corrigir alguns males, é impossível romper a lógica técnico-científico-económico-civilizacional que leva o planeta ao desastre. No entanto, a História Humana mudou muitas vezes de caminho. Tudo recomeça por uma inovação, uma nova mensagem desviante, marginal, pequena, muitas vezes invisível para os contemporâneos. Assim começaram as grandes religiões: budismo, cristianismo, islamismo. Hoje, tudo tem que ser repensado. Tudo deve recomeçar". E justifica de seguida na entrevista que a resposta, é dada pelas proximidades, admitindo a existência de "uma efervescência criativa, uma multiplicidade de iniciativas locais, em conformidade com a revitalização económica, ou social, ou política, ou cognitiva, ou educacional ou ética, ou da reforma da vida. (...)" (https://www.lemonde.fr/idees/article/2010/01/09/eloge-de-la-metamorphose-par-edgar-morin_1289625_3232.html).

Faro 2027 é uma renovação, um recomeço para o Algarve - uma metamorfose, uma transformação humana e social, - que se deseja uma revolução silenciosa e inspiradora para as futuras gerações. Retomando o sonho expresso nas palavras de Miguel Torga, sobre o Algarve: "A ideia que tenho dum paraíso terrestre, onde o homem possa viver feliz ao natural, vem-me dali. Casas cujos telhados,

nem de colmo, nem de lousa, sejam açoteias de harém para um amor livre e espontâneo ao luar" (Torga, 1986: 135).

O "novo mundo" não está do outro lado do Atlântico, mas aqui mesmo, no reconhecimento das nossas raízes, na retoma das relações de proximidade, de vizinhança, na promoção do autoconhecimento, na educação e na edificação de uma crescente urbanidade que carateriza esta "cidade macro" que é o Algarve, onde se convive em harmonia com todas as etnias, religiões e culturas, num clima de tolerância e respeito mútuo inigualável, e que deve servir de modelo global, numa Europa, e num Mundo, onde o Bem-Estar e o Bem-Viver comuns, estão cada vez mais difíceis.

Mais do que um cais de partida e de chegada, crê-se convictamente que esta consagração de Faro, Capital Europeia da Cultura, será um alicerce fundamental na reconstrução do diálogo social e na promoção do desenvolvimento sustentado da região.

Referências Bibliográficas:

Audrerie, D. (1997) La Notion et la Protection du Patrimoine. Paris: Presses Universitaires de France.

Babelon, J.P. e Chastel, A. (1994) La Notion de Patrimoine. Paris: Liana Levi.

Choay, F. (2000) A Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70.

Cuvelier, P., Torres, E. e Gadrey, J. (1994) Patrimoine, modèles de tourisme et développement local. Paris: L' Harmattan.

Gonçalves, A., Perdigão, F., Torkington, K., Pereira, L., Martins, P. (2005) O Evento Faro, Capital Nacional da Cultura 2005 e o Turismo. Ferreira, A. e Martins, A. (Coord.), Universidade do Algarve, Escola superior de Gestão, Hotelaria e Turismo.

IPPAR (1996) Cartas e Convenções Internacionais. Instituto Português do Património Arquitetónico/Ministério da Cultura, Lisboa.

Remoaldo, P., Serra, J., Marujo, N., Alves, J., Gonçalves, A., Cabeça, S., Duxbury, N. (2020). Profiling the participants in creative tourism activities: Case studies from small and medium sized cities and rural areas from Continental Portugal, Tourism Management Perspectives, 36, p. 100746-12.

Serra, J., Correia, A. e Rodrigues, P.M.M. (2014), "Heterogeneity in Tourism Motivations: The Case of the Algarve", Tourists' Behaviours and Evaluations (Advances in Culture, Tourism and Hospitality Research, Vol. 9), Emerald Group Publishing Limited, Bingley, pp. 85-95.

Torga, M. (1986) Portugal (5ª. Ed.), Gráfica de Coimbra, Coimbra (1ª. edição: 1950).

Referências eletrónicas:

https://creatour.pt

https://www.lemonde.fr/idees/article/2010/01/09/eloge-de-la-metamorphose-par-edgar-morin_1289625_3232.html

artigo 04

Capital Europeia da Cultura: uma oportunidade para um destino turístico de Sol e Mar

João Filipe Marques

Doutor em Sociologia pela École des Háutes Études en Sciences Sociales de Paris, Professor na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve e Investigador do Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-Estar(CinTurs). Atualmente, é o Diretor do Mestrado em Sociologia daquela Universidade e coordenador da Secção Temática «Sociologia do Turismo» da Associação Portuguesa de Sociologia.

1. A Capital Europeia da Cultura e a sazonalidade turística

Quem leu a pequena, mas brilhante, novela de Marguerite Duras, *Olhos Azuis, Cabelo Negro*, sentiu certamente a atmosfera de profunda melancolia que se vive nas estâncias de veraneio fora da época alta. Mas a atmosfera romântica e melancólica não é a única consequência dessa maldição que é a sazonalidade para os territórios turísticos. Nos destinos de Sol e Mar, principalmente aqueles que há muito abandonaram as atividades tradicionais, a economia, o emprego, a vida de um modo geral, atravessam durante quase todo o ano, um estado límbico de que só saem com o retorno do bulício da *saison*. Várias formas têm sido tentadas para combater os efeitos deste enorme desequilíbrio que os ritmos das sociedades modernas induzem nos destinos turísticos. O desporto tem sido uma delas, mas a cultura parece a mais eficaz. Num território turístico com as características do Algarve, a cultura pode ter um papel absolutamente fundamental na mitigação e até de inversão de alguns dos problemas estruturais provocados pela sazonalidade turística.

Com efeito, a instituição de eventos culturais - sejam exposições, certames artísticos, festivais, encontros de escritores etc. - pode perfeita e idealmente ocorrer fora da época estival, fazendo contraciclo com a fútil agitação veraneante. Mas também porque os públicos da cultura, principalmente os mais cosmopolitas e fieis consumidores dos eventos culturais globais - académicos, intelectuais, artistas, criativos, *empty nesters* etc -, são aqueles que, sociologicamente, são menos vulneráveis aos inexoráveis ritmos da modernidade. Veneza, por exemplo, há muitos anos que descobriu essa fórmula com a organização de La *Biennalle* nas suas várias declinações - Arte, Arquitetura, Musica, Cinema etc.

Antes de mais, é necessário relembrar que os destinos turísticos maduros tendem a dispor de formidáveis infraestruturas de acessibilidade, alojamento, gastronomia e outras que, na maior parte do ano, estão subaproveitadas e subocupadas. O Algarve dispõe de um aeroporto internacional e de uma fronteira terrestre também internacional, é atravessado longitudinalmente por uma autoestrada, possui uma vastíssima oferta de alojamento que vai dos hotéis de cinco estrelas aos mais irreverentes hosteis para jovens vanguardistas, passando pelos resorts de luxo ou parques de caravanas. Da oferta gastronómica, nem é preciso falar.

Ser Capital Europeia da Cultura implica, portanto, para uma região turística, colocar as infraestruturas turísticas ao serviço da cultura e, evidentemente, a cultura ao serviço da cidadania.

2. Quatro condições: competitividade, escala, identidade e perenidade.

A candidatura da cidade de Faro, a sua eventual consagração como Capital Europeia da Cultura e o evidente envolvimento da região do Algarve como um todo, só fazem sentido uma vez reunido um conjunto de condições. Em concreto: competitividade, escala, identidade e perenidade.

A primeira condição passa por instituir a capitalidade cultural como um modo de posicionar vantajosamente a cidade e o território na competição global intercidades.

No atual contexto de globalização económica e cultural, vivemos um intenso processo de competição intercidades, não apenas ao nível das cidades de grande dimensão, já

globalizadas, mas também ao nível das pequenas cidades que se esforçam por se inscrever nessa globalização e por captar os fluxos culturais, comunicacionais, criativos e financeiros globais. Carlos Fortuna, um dos sociólogos portugueses que tem trabalhado de um modo mais interessante esta questão, fala, a este propósito, no processo da «redinamização globalizante da cidade contemporânea». Processo ao qual Faro Capital Europeia da Cultura certamente não se pode alhear.

A segunda condição é a da escala dos eventos a implementar e dos equipamentos a construir. De nada vale, na minha opinião, gastar os recursos financeiros, sempre escassos, com micro eventos com impacto e visibilidade limitados ao âmbito local ou regional. Uma Capital Europeia da Cultura, ou é um acontecimento à escala global que coloca a cidade e a região na cartografia dos grandes eventos culturais internacionais, ou não o é.

A terceira condição passa pela contribuição para a consolidação ou até redefinição identitária da cidade. Uma cidade não é apenas aquilo que faz ou produz é também aquilo que parece, que representa e que oferece aos sentidos. Por isso o conceito de identidade parece mais abrangente e mais interessante do que aquele que é mais frequentemente utilizado pelos geógrafos: o conceito de «função de uma cidade». A identidade de uma cidade resulta, portanto, de um processo ambivalente entre aquilo que os seus habitantes consideram que ela é, aquilo que querem que ela seja e a imagem de si própria que ela consegue projetar para o exterior. O que confere identidade de uma cidade é, entre outros fatores, o conjunto das suas especificidades, aquilo que a torna única e distinta tanto aos olhos dos seus habitantes, como dos seus visitantes. Faro não pode resignar-se a ser, três dias por ano, a "Capital do Motociclismo". A capitalidade cultural tem

de deixar uma marca identitária indelével que permita o seu reconhecimento imediato no panorama global da competição intercidades.

A quarta condição para que uma Capital Europeia da Cultura possa contribuir para mitigar os efeitos da maldição da sazonalidade turística é a da instituição da perenidade: a capitalidade cultural tem de durar mais, muito mais, do que o mero ano que dura sua denominação; tem imperativamente de deixar sementes a germinar no futuro. Por outras palavras: nada pode voltar a ser como era antes, sob pena de a CEC ser apenas mais um evento inconsequente e de consolo instantâneo.

As motivações centrais de uma candidatura a Capital Europeia da Cultura devem ser, portanto, a «redinamização globalizante da cidade e do território», a escala global dos eventos a organizar e dos equipamentos a edificar, a redefinição identitária do território e, fundamentalmente, a perenidade e sustentabilidade daquilo que se instituiu durante esse ano.

3. Dois eixos centrais: a Arte Contemporânea e o Património Marítimo

A candidatura de Faro a Capital Europeia da Cultura em 2027 reúne condições para vir a implementar eventos e a deixar equipamentos que, na minha visão, deveriam girar em torno de dois dos grandes eixos da dinamização cultural: as intervenções artísticas de vanguarda e o património, em concreto, o património marítimo.

No que diz respeito ao primeiro eixo, a cidade de Faro e o território do Algarve não podem deixar passar

a oportunidade de se virem a dotar de um equipamento arquitetonicamente emblemático (à semelhança do Guggenheim, de Bilbao, por exemplo) que possa vir a receber as grandes exposições do circuito mundial da arte contemporânea e que venha a albergar coleções com um caráter permanente. Idealmente, dar-se-ia início a uma (pelo menos uma...) coleção impar no panorama das artes visuais (pessoalmente, privilegiaria a utilização contemporânea da fotografia e a arte digital), cujo paulatino enriquecimento nos anos subsequentes à CEC coloque a cidade e a região no mapa global dessa forma de expressão artística e assim dê origem a um fluxo de visitantes que contribua para reequilibrar a sazonalidade turística. A edificação deste tipo de equipamento deveria ser acompanhada, por um lado, pela instauração de um evento artístico periódico de escala global - à semelhança das bienais de Veneza, São Paulo ou Kassel - que aproveite a formidável capacidade logística do território para a receção de visitantes e, por outro, pela criação de condições que estimulem a fixação de criadores artísticos e culturais na cidade e na região.

Dada a situação geográfica de Faro, no coração da Ria Formosa e em frente ao oceano Atlântico, o segundo eixo não pode deixar de girar em torno do Mar. Ou seja, em torno daquilo que aparentemente é tão caro aos portugueses, mas que é objetivamente tão esquecido: o património marítimo.

O Algarve, há muito que carece de uma estrutura museológica que salve, faça reviver e mostre o seu património ligado ao mar. Esta é uma constatação do mais elementar senso comum: a imperativa criação de um *Museu da Relação do Ser Humano com o Mar* (é claro que a designação não tem de ser esta!) que, livre das motivações celebratórias histórico-nacionalistas, investigue, celebre,

preserve e mantenha vivos os elementos da cultura material e imaterial, as técnicas e tecnologias, os modos de vida e as tradições orais relativas a essa simbiose milenar que é a relação do homem com o oceano. Praticamente todo o património material e imaterial tradicional ligado ao mar está em vias de extinção. Embarcações, técnicas de navegação e de construção naval, artes de pesca (muitas das quais agora interditas por imperativos ambientais), tradições orais relativas ao mar, às viagens marítimas e à vida no litoral exigem, desde ontem, uma autêntica *etnografia de emergência e uma musealização de urgência*.

É evidente que não se trata do clássico "museu marítimo" com suas poeirentas maquetes de barquinhos e as marinhas a óleo penduradas nas paredes. Qualquer estrutura museológica contemporânea não pode deixar de se pautar pelas mais dinâmicas e interativas técnicas da nova museologia. A musealização de elementos do património marítimo de grandes dimensões - como as embarcações, por exemplo - não necessita do seu encerramento em enormes salas onde ecoam os passos dos visitantes. Pelo contrário, pode e deve fazer-se com aquelas a flutuar e, idealmente, com capacidade para navegar. Veja-se o fantástico exemplo do *Port-Musée* de Duarnenez.

Um equipamento museológico centrado na *Relação dos Seres Humanos com o Mar* tem de ser uma organização viva e vivida, de preferência multilocalizada onde os visitantes possam ombrear, por exemplo, com os últimos carpinteiros navais ao participarem da construção de um caíque; onde possam experimentar remar num *dory* da pesca do bacalhau, aprender a remendar redes, velejar num saveiro ou mergulhar num navio afundado. É claro que uma estrutura semelhante, não esgota a sua atividade nos recursos expositivos ou de participação dos visitantes em experiências turísticas imersivas. A sua implementação

deverá ser acompanhada de um verdadeiro programa de investigação histórico-antropológica acerca do património marítimo do Algarve, da promoção da sustentabilidade ambiental e da implementação de eventos náuticos e culturais cuja periodicidade ultrapasse a CEC.

A orientação dos eventos e edificações ligados à Capital Europeia da Cultura para a mitigação dos efeitos estruturais da sazonalidade, através do aproveitamento dos recursos turísticos parece ser uma estratégia por demais evidente. Visão ambiciosa? Claro! Consumidora de recursos? Certamente. Mas já vai sendo tempo de nos livrarmos de uma outra maldição; aquela que tão bem descreveu O'Neil:

> Ó Portugal, se fosses só três sílabas,
> linda vista para o mar,
> Minho verde, Algarve de cal,
> (...)
> ó Portugal, se fosses só três sílabas
> de plástico, que era mais barato!

artigo 05

Da Cultura e da Arte

Mirian Nogueira Tavares

Mirian Nogueira Tavares é professora associada da Universidade do Algarve. Com formação académica nas Ciências da Comunicação, na Semiótica e nos Estudos Culturais, tem desenvolvido o seu trabalho de investigação e de produção teórica nas áreas das estéticas fílmica e artística. Participou na elaboração do projeto de licenciatura em Artes Visuais, do mestrado e doutoramento em Comunicação, Cultura e Artes e do doutoramento em Média-Arte Digital. Atualmente é coordenadora do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC).

O Algarve é das poucas regiões que se pensa como tal - há teses que defendem o Algarve como uma cidade expandida, recortada pelo N125. Mas há ainda quem refira que a N125 e a linha do comboio ligam apenas o litoral, funcionam de facto, como trajetória, mais ou menos curvilínea, que não se distancia demasiado da ria ou do mar, deixando parte do território sem visibilidade, ou pior ainda, condenando à invisibilidade uma parte significativa do território que se concentra no Barrocal e na Serra. E não nos podemos esquecer de que, mesmo com uma linha do comboio e uma Estrada Nacional, a mobilidade no Algarve é reduzida, e limitada, sendo um privilégio apenas daqueles que possuem carros, o deslocar-se livremente em quaisquer horários ou dias da semana.

De que forma podemos pensar numa ideia de Cultura, na e para a Região, que seja resultado dos diversos cruzamentos entre áreas, geográficas, científicas e artísticas e que represente, como se de um cartão de identidade se tratasse, o Algarve? A Cultura é, antes de tudo, um conceito muito vasto. Há, no entanto, um conjunto de ideias que perpassaram, em maior ou menor grau, os discursos de quem faz e de quem reflete sobre a Cultura no Algarve. Faço aqui uma lista, mesmo que resumida, de ideias imprescindíveis para se projetar um futuro com cultura, ou melhor, um futuro para a cultura: rede, educação, investimento, combate à sazonalidade, descentralização, formação de públicos.

Se não há um consenso à volta do conceito de cultura, o mesmo também inexiste em relação ao conceito de arte, que ora se confunde com o de cultura, ora é visto como elitista ao mesmo tempo em que é reconhecido como popular. Fala-se muito das Indústrias Culturais e Criativas, mas é preciso que se tenha uma real compreensão do que se diz, e do que se pretende, quando a cultura deixa

de ter um valor em si mesma e passa a ter um valor mais monetário que simbólico.

O conceito de capital da cultura surgiu nos anos 80 por sugestão da então ministra grega Melina Mercouri. Em 2004, o Relatório Palmer dedica-se a uma extensa avaliação sobre as capitais da cultura, de 1995 a 2004, onde não só descreve os casos estudados como apresenta uma série de recomendações. A ideia do relatório era estudar o impacto económico e cultural, bem como o possível impacto social resultante da escolha de determinada cidade assumir, por um ano, o papel de centro cultural da Europa. Mesmo que a finalidade do relatório seja a de orientar os organizadores das futuras capitais da cultura, é um documento bastante interessante para que se analise a pertinência económica, cultural e social de um evento como este. Uma das conclusões do relatório é a de que se não houver um entrelaçamento entre os objetivos sociais, culturais e económicos, e não houver qualquer mudança das políticas, públicas ou privadas, no que diz respeito ao investimento no setor cultural, o que fica, além das boas lembranças, são apenas dívidas.

É interessante rever o Relatório Palmer à luz dos investimentos que são feitos, na região, e das ideias que costumam estar à frente de projetos culturais de grande envergadura. Para muitos a ideia de cultura que atrai a população está, irremediavelmente, ligada à ideia de entretenimento. Em termos financeiros, e de retorno da população, é mais simples investir-se num espetáculo popular, que atraia multidões, que investir na compra de espetáculos destinados a uma suposta elite intelectual que, de acordo com relatos e com dados disponíveis na Direção Regional de Cultura e na Região de Turismo do Algarve, é maioritariamente composta por estrangeiros, residentes ou não, que possuem hábitos culturais mais urbanos e

contemporâneos. O que torna, sem dúvida, uma tarefa complexa para quem vai investir na área, sobretudo no caso das Instituições Oficiais, pois a população autóctone quer ser ouvida e quer ter o direito de escolher a sua "cultura", o que é, de facto, um direito que poder-se-ia dizer, inalienável. Portanto, sem a ligação da promoção cultural com a educação para a cultura, dificilmente teremos públicos com gostos mais diversificados, prontos a dar o benefício da dúvida a obras, e a artistas, que não são consensuais ou sobejamente conhecidos.

A questão das artes, e da cultura em geral, é também uma questão económica - seja pelos custos de produção, seja pela valorização das obras artísticas ou pelo investimento destinado ao setor. A relação entre as artes e a economia sempre foi polémica. Nos anos 40, do séc. XX, os teóricos da Escola de Frankfurt criaram um termo para designar a nova forma de produção de bens culturais: Indústria Cultural. Horkheimer e Adorno procuravam definir o novo papel da arte numa era de produção massiva orientada pelo capitalismo vigente. A produção artística saía da esfera dos bens de consumo espiritual para os bens de consumo primário, já que a sua produção e distribuição em nada diferia da produção e distribuição dos bens de consumo convencionais. A cultura de massa aparecia para substituir outras formas possíveis de cultura e, para estes filósofos, a única forma de resistir à massificação completa do pensamento artístico era viver nas margens, como faziam os artistas de vanguarda. As vanguardas artísticas apareciam como uma forma de resistência necessária, sem a qual a arte sucumbiria à barbárie.

Para os sociólogos e filósofos da Escola de Frankfurt o problema da cultura de massa residia no facto de ser construída sobre uma ideologia fraudulenta. Adorno, Horkheimer e Marcuse, em diversas obras, elaboram o

conceito de cultura a partir da distinção feita na Alemanha entre cultura e civilização. A cultura era o lugar dos sentimentos elevados onde conceitos como liberdade e felicidade poderiam ser postulados. À civilização caberia o papel de reprodutora de bens materiais. A ideologia burguesa do fim do século XIX difundia a cultura, como uma promessa de futuro, para que a população em geral não questionasse o sistema de produção, e distribuição, de bens materiais. As novas tecnologias permitiriam que mais pessoas desfrutassem dos bens culturais, através do seu processo de reprodução e difusão, aproximando todos do mundo idílico da cultura. O que seria, à partida, um bom negócio para todos. O problema é que a dissolução da cultura na civilização, ou seja, a conversão de bens simbólicos em bens materiais, não trouxe o prometido paraíso partilhado, mas, pelo contrário, converteu a cultura em mercadoria, integrando-a completamente no sistema de valores capitalistas.

A cultura transformada em valor de troca perde as suas qualidades intrínsecas e reforça, ainda mais, o fosso entre a elite e a população em geral. Pode-se dizer que alguns conceitos da Escola de Frankfurt são datados ou muito marcados pela circunstância em que nasceram, mas não nos devemos esquecer de que a promessa de fusão entre civilização e cultura, de facto, não se concretizou. Os bens de cultura continuam a ser bens de consumo, com valor de troca, e aqueles que escapam a este destino são pertença de uma elite intelectual e/ou económica e estão cada vez mais distantes de uma circulação e consumos verdadeiramente democráticos. E quando pensamos em valores democráticos, não nos podemos esquecer de escutar o público, de perceber as suas sensibilidades e de dar resposta às suas demandas, mesmo que estas não sejam aquelas que os intelectuais e artistas julgam ideais. E a questão que se (im) põe é: como criar pontes entre formas diferentes de pensar

a cultura, e a arte, estimulando o público a libertar-se de preconceitos e a permitir-se abrir para novas experiências?

O Programa 365 é referido por diversos agentes de cultura como um modelo desejável de apoio à criação e aos criadores, ao mesmo tempo em que promoveu a descentralização da descentralização, ou seja, passou-se a olhar para o Algarve de forma continuada e não fragmentária, promovendo atividades em municípios menos centrais. É um modelo a ser replicado, pois, nalguns casos, conseguiu atrair, e principalmente criar, públicos para propostas que decorreram em cidades menos centrais, com "atores" e obras pouco usuais.

Após a crise pandémica, que ainda está a ser atravessada, tornou-se essencial produzir uma reflexão mais aprofundada sobre o uso das tecnologias como instrumento de criação e de mediação das Artes e da Cultura em geral. Fala-se hoje de sociedades pós-industriais, e mais ainda, de sociedades pós-materialistas. Não podemos deixar para trás um pensamento fundamental para alguns filósofos de Frankfurt: a ideia da diluição da cultura na civilização, que deveria ser um benefício, mas que foi desviada do seu fim reificando o universo à sua volta. A tão falada Sociedade do Conhecimento que refletiria a mudança de paradigma económico e social, é uma realidade. Mas não é uma realidade (com)partilhada. A sua existência está vinculada a uma série de princípios de produção e circulação de bens que está longe de ser uniforme na nossa sociedade global. Talvez o nome tenha sido alterado, mas a ideologia permanece: os bens culturais são uma promessa de paraíso possível, mas não necessariamente igual para todos.

Para que as Artes possam ser consideradas como um dos motores da economia de uma região é preciso

que seja feito todo um trabalho de base, que seja uma demanda da própria sociedade, mais que uma imposição de cima para baixo. Necessitamos que a Sociedade Civil consiga organizar-se e exigir, aos executivos e aos órgãos de financiamento do país, um investimento e um incentivo continuado na criação e na difusão das Artes. Associado, sobretudo, ao ensino, que pode ser um forte aliado na formação de públicos e de uma massa crítica cada vez mais exigente e mais aberta a ofertas menos "espetaculares". Sem público, não há maneira de se criar sustentabilidade para a Arte, que deve se tornar cada vez mais independente do Estado, mas que precisa sempre do incentivo duma sociedade apta a recebê-la ou a consumi-la.

O Algarve é rico em Associações Artísticas, algumas com tradição e visibilidade dentro e fora do país. É ainda uma região que se reconhece como tal, o que facilitaria, à partida, a circulação de públicos e a densificação de uma massa crítica que desse suporte aos mais variados produtos artísticos, no entanto, enquanto não resolver a questão da sazonalidade, da fragmentação territorial promovida por uma rede de transportes deficitária e pela consciencialização do papel fundamental, e dos contributos que a Educação e as Artes podem trazer, continuaremos a fazer inquéritos e a obter as mesmas respostas, mas não haverá a tal mudança, desejada e necessária, do papel da Cultura e da Arte na e para o engrandecimento da Região.

O futuro somos nós

01. Michal Hladký
02. Luís Miguel Nunes
03. Alexandra Teodósio
04. Manuela Rosa

E agora? Lançada a sorte, e com Faro na rota da Capital Europeia da Cultura, como se constrói o futuro, que rumo adoptar, para onde e como ir, a partir do ponto em que se está? Que novas relações se poderão desenhar nos novos espaços que se abrem no contexto de uma nova capitalidade?
Poderá esta nova capitalidade, alicerçada na Cultura, contribuir para uma realidade ambiental, social, económica, intelectual, mais equitativa, mitigando as gritantes desigualdades existentes? As possibilidades de ideias e de propostas são quase infinitas. Mas quem as realizará?

Dar & Receber
Sobre a procura por equilíbrio

Michal Hladký

É diretor da Creative Industry Košice, organização sucessora da Košice, Capital Europeia da Cultura 2013. Integra diversas redes internacionais e tem experiência em projetos financiados pela UE. É um dos autores da Estratégia Cultural de Košice, e ainda assessor político das indústrias cultural e criativa a nível local e regional. Representa também a cidade de Košice na Rede de Cidades Criativas da UNESCO.

Em 2027, Faro olhará para a pandemia como parte de um passado recente que desencadeou novas formas de abordar fenómenos de liderança global versus liderança local, combinando trabalho remoto com trabalho no escritório, e repensando o turismo e o turismo de massas. A cultura e a criatividade com os seus respetivos públicos precisarão de abraçar a presença digital e equilibrá-la com a física, para que então as cidades comecem a focar-se realmente na qualidade dos seus espaços públicos, o que em tempos de COVID-19 se manifestou como um dos seus maiores ativos.

No século XXI, o ritmo das mudanças será tão acelerado que ignorá-lo ou ficar à espera dos bons velhos tempos pode ser uma ilusão letal. Vivemos num mundo VICA, no qual a incerteza e a complexidade aumentam a cada instante. No mundo para o qual nos dirigimos, os recursos materiais para viver já não serão um problema. Mais cedo ou mais tarde, a renda básica universal ou outras inovações sociais provarão o seu valor, de modo a que a maioria das pessoas na Europa não passará fome nem ficará sem abrigo. Mas...

Mas o problema que vejo e onde a nova pobreza pode surgir no horizonte é na forma como as pessoas vão lidar com as mudanças e uma dimensão ilimitada de conexões digitais e de desenvolvimento tecnológico. O nosso trabalho ou papel na sociedade ficará obsoleto ou deixará de existir com extrema rapidez e frequência. Para permanecerem relevantes, as pessoas terão de se habituar a aprender e a adquirir novas competências constantemente. Teremos de cuidar da nossa saúde mental e trabalhar a resiliência para não cairmos no abismo do que Harari chama de classe inútil. Esta é uma ameaça invisível extrema.

O futuro exigirá uma rápida requalificação e reinvenção do trabalho para acompanhar o ritmo das mudanças na

nova economia. O mundo digital estará cada vez mais incorporado no real e, também, o contexto do trabalho provavelmente misturar-se-á com os contextos residencial e social, pelo que a conexão e a capacidade de navegar num ambiente híbrido são cruciais.

Precisamos de conexões reais, não de bolhas online que alienam a vida e nas quais os algoritmos basicamente criam uma ilusão única do mundo para cada utilizador. Esta fragmentação não fará mais do que diminuir os níveis de colaboração e aumentar o ódio, o extremismo e outros fenómenos sociais negativos, que devemos abordar o quanto antes. Precisamos de mais conexões a nível de empatia humana para entender e acolher de braços abertos aquilo que é diferente e aquilo que pode enriquecer as nossas vidas, em vez de o temermos ou repudiarmos.

É daqui que podem emergir novos mercados para as indústrias culturais e criativas. Num futuro híbrido, recorrer ao poder das narrativas, da visualização e das expressões artísticas é justamente o que falta para criar vivências de proximidade, empatia e conexões humanas autênticas. A cultura poderia trazer uma nova perspetiva às distintas realidades quando combinada de forma flexível, e o seu eu digital enriqueceria o seu eu real, e vice-versa, para atingir plenitude de vida e bem-estar.

As cidades são as plataformas de onde surgem todas as mudanças sociais. Compreender esta posição tornaria as gerações de urbanistas mais recetivas ao que está a acontecer nos campos dos espaços relacionais não físicos. Espaços dos quais a cultura e a criatividade devem fazer parte. Espaços onde a tecnologia e a ciência se devem encontrar com a Arte e os princípios democráticos da esfera pública. Só então combinaremos

a inteligência artificial, a realidade virtual, o blockchain e as futuras mudanças de paradigma tecnológico com uma dimensão humana.

A tecnologia poderá mudar a forma como vivenciamos as coisas. No futuro, poderemos viajar virtualmente em vez de fisicamente e aprender tudo sobre determinado lugar mesmo antes de lá chegar, mas acredito firmemente que estas são apenas experiências sem dimensão contextual nem toque humano. O turismo pós-pandemia vai com certeza mudar. As novas tendências que já estavam a emergir mesmo antes da pandemia vão fortalecer-se. O turismo de massas continuará a existir, mas a tendência para um turismo transformador, educativo e produtivo continuará a crescer. As pessoas viajarão com maior consciência e recetividade para enriquecerem os contextos locais e, em troca, obterão experiências e sabedoria que terão o poder de transformar as suas próprias vidas. É aqui que a cultura, um conhecimento local concreto, e espaços, produtos e serviços únicos desempenham um papel central.

De acordo com investigações recentes, haverá menos viagens, apesar de estas levarem mais tempo, e as pessoas irão combinar viagens de negócios com tempo de lazer, em busca tanto de produtividade como de equilíbrio no novo ambiente que estão a visitar. O essencial para as cidades será a qualidade dos seus espaços públicos. Os espaços exteriores marcarão tendência como os novos espaços interiores. O nível de interesse dos viajantes aumentará. Os futuros destinos serão bairros citadinos típicos, localidades e aldeias.

Esta tendência poderá igualmente ser equilibrada com os outros fenómenos sociais de reivindicação das cidades pelos seus habitantes, evitando políticas de

gentrificação nas quais os locais turísticos diminuiriam e se incorporariam às áreas da comunidade local. O verde urbano, os parques, os rios, os litorais, as colinas e o acesso a locais de lazer e descanso serão ativos importantes das cidades. É por isso que as cidades devem desenvolver capacidades relativas ao conhecimento local, apoiando as suas comunidades de origem, preservando lugares específicos e misturando o antigo com o novo, para assim enriquecerem a experiência dos visitantes com a vida local durante todo o ano.

A economia urbana do futuro dependerá muito da qualidade física do espaço, da coesão social da comunidade local e das suas conexões globais, e ainda da forma como as cidades abraçarão a esfera digital, como será a sua pegada digital, e quanto interesse conseguirão despertar nas suas redes. As cidades vão adotar a gamificação e a gentrificação digital - porque habitar redes populares tem o poder de permitir que os seus habitantes contribuam para o desenvolvimento urbano, tanto virtual como físico, através do uso de ferramentas e políticas democráticas. Esta harmonia entre uma imagem física e digital criará uma mais-valia competitiva para a cidade.

Portanto, é fundamental que adotemos um equilíbrio entre: o local e o global para fazer face aos desafios mundiais; o digital e o físico para assegurar uma narrativa completa; e o trabalho e o modo de vida para preservar o nosso bem-estar. Temos de estar preparados para as novas economias emergentes à margem das mudanças que se aproximam, o que vai acontecer muito rapidamente.

artigo 02

Reflexão

Luís Miguel Nunes

Professor auxiliar (com nomeação definitiva) em Engenharia do Ambiente na Universidade do Algarve, conta com investigação em otimização de monitorização ambiental; modelação de contaminação subterrânea; remediação de solos; avaliação de risco ambiental; avaliação de impacte ambiental; gestão de recursos hídricos; otimização de processos em engenharia.

Agradeço o convite para me pronunciar sobre a proposta de candidatura da cidade de Faro a Capital Europeia da Cultura (CEC) em 2027, a qual a ser aprovada constituiria um marco importante para o desenvolvimento cultural da cidade e da região. É antes de mais uma oportunidade para discutir aquilo que a cidade deve ser no futuro, ancorado num pilar fundamental do desenvolvimento sustentável. A minha apreciação é menos genérica do que a dos especialistas já consultados, uma vez que assenta já na reflexão por eles feita e na minha experiência profissional e pessoal.

Dado que o tema base da proposta é a água e sua ligação à biodiversidade, parece-me que as linhas estratégicas deveriam apontar neste sentido. Assim, os meus comentários vão no sentido de contribuir para esse alinhamento. Por vezes darei exemplos concretos para demonstrar o conceito.

A. Componente museológica/ didática/criativa:

Muitas das candidaturas a CEC têm investido em receitas conhecidas, apostando muito no mesmo tipo de eventos. Ainda que haja a necessidade de inovar nas abordagens, há condições mínimas que devem ser asseguradas. A cidade de Faro, e a região precisam de museus com relevância nacional e internacional (etnográficos e de arte - moderna e contemporânea por serem mais exequíveis). Esta poderia ser uma ótima oportunidade para dar dimensão aos existentes e para instalar um novo museu de arte moderna e contemporânea – por exemplo criando um dos primeiros museus sobre a temas ligados à sustentabilidade ambiental (social,

económica e ecológica), sendo ele próprio sustentável. Teria grande potencial para integrar os conceitos de diálogo intercontinental, migrações e multiculturalismo, identidade e memória, e herança intangível. Para além de poder incluir montra para artistas menos representados por estarem fora dos circuitos comerciais de arte.

Se fosse assumido um conceito de cidade mais abrangente geograficamente seria possível integrar um conjunto de ações fora da "cidade", tirando partido dos vários museus, locais históricos, e áreas naturais, e do leque de atividades já lá realizadas. Em particular as ligadas ao ciclo da água ou à sua gestão ao longo do tempo e as formas culturais associadas.

As atividades lúdicas e desportivas realizadas em contacto com a água, ou em que os movimentos "aquáticos" são simulados (incluo aqui o skate por exemplo) são elas também demonstrações vivas de uma cultura, pelo que deveriam ser integradas no projeto.

Neste sentido seria também interessante promover a introdução de formas desportivas de outras culturas e que sejam pouco conhecidas. E ainda o incentivo à inovação no design de equipamentos desportivos, ou de atividades desportivas, através de concurso/prémio de ideias. Em particular aqueles que contribuam para tornar o desporto acessível a todos.

B. Ações no território e dinamização socioeconómica

O objetivo de vir a tornar a cidade a casa de artistas, e outros novos cidadãos dinâmicos e inovadores é uma meta

ambiciosa, mas muito possivelmente a única solução para diversificar o tecido socioeconómico.

Os objetivos propostos no ponto "Fourth Thematic Group - 4. city and public space" vão neste sentido. A reabilitação urbana permitiria melhorar a qualidade de vida na cidade, aumentar a oferta de espaços sem necessidade de aumentar a densidade de construção (já demasiado elevada), e construir os espaços museológicos.

Por outro lado, a recuperação urbanística deveria criar condições para a instalação de trabalhadores nómadas ligados a empregos de base tecnológica, mas que quando encontra as condições ideais se fixam (vide, e.g.,: https://techmonitor.ai/leadership/workforce/digital nomads-capitalising-rise-remote-work ou https://economictimes.indiatimes.com/tech/technology/the-nomad-generation-and-the future-of-work/articleshow/79719262.cms?from=mdr).

Esta atividade tem imenso potencial de crescimento na região dada a facilidade de acesso, ubiquidade de acesso à internet, quase universalidade do domínio da língua inglesa, existência de polos científicos e tecnológicos, cosmopolitismo, para além dos restantes fatores cénicos, culturais e bioclimáticos. Há já uma comunidade pequena destes trabalhadores nómadas de diversas nacionalidades. Resta agora melhorar as condições que promovam a facilidade de fixação, incluindo a facilidade de alojamento, pelo menos numa fase inicial da permanência.

A cidade deve ainda oferecer qualidade de vida competitiva face a concorrentes nacionais e internacionais. Neste sentido, para além da degradação do parque urbano, que a proposta indica como prioritário resolver, há ainda:

- necessidade de melhorar as áreas pedonais;
- aumentar as áreas verdes;
- aumentar a conectividade pedonal entre espaços públicos (praças e jardins); - aumentar a rede de ciclovias e a utilização de modos suaves de deslocação;
- aumentar a conectividade por meios suaves de deslocação entre o centro da cidade e as freguesias periféricas;
- aumentar a oferta de habitação no centro da cidade (a oferta regulará o custo).

A cidade de Faro é uma das mais compactas e densamente artificializadas no país. Tem uma das mais baixas taxas de área verde por habitante, o que torna a circulação fora da baixa muito pouco interessante e desprovida de polos de atração.

Esta situação poderia ser solucionada por duas vias:

1. Se muitas das atuais áreas de circulação automóvel e parqueamento fossem reconvertidas em áreas verdes, eventualmente alterando a circulação e parqueamento automóvel. São exemplo disto:

a. A Praça da Liberdade (atualmente uma imensa laje de pedra);
b. Largo de S. Francisco (um parque de estacionamento na melhor localização da cidade...) - deveria ser reconvertido a subterrâneo:
c. Toda a área desde o Largo do Carmo até à igreja de S. Pedro (área pavimentada e recortada por vias de trânsito redundantes).
d. Praça Silva Porto (misto de área pavimentada e parque estacionamento) e. Área entre R. Cidade de Bolana (hospital), Praça de Tânger, Praça José Afonso, Praceta Azedo Gneco, Jardim António Sérgio, e

Praça da Paz (conjunto de praças sem continuidade e desprovidas de vegetação);
e. Largo da Estação e área envolvente;
f. Toda a zona ribeirinha.
g. Estas praças poderiam constituir as "Places" referidas na proposta, constituindo ao mesmo tempo as agulhas referidas no "urban acupuncture". E no seu conjunto uma rede pedonal interligada de espaços verdes.

2. Uma política consistente de aquisição pelo município dos poucos lotes ainda não edificados para reconversão a áreas verdes. Ou, na impossibilidade desta, à contratualização da possibilidade de usufruto temporário desses espaços.

3. Promoção de uma arquitetura mais verde e tradicional. Por exemplo fomentando:

- a replantação dos pátios interiores de habitações e prédios da cidade, o que ajudaria a refrescar naturalmente os edifícios. Muitos destes encontram-se atualmente pavimentados ou muito degradados;
- o armazenamento das águas pluviais para rega de jardins particulares e públicos; - fomento à instalação de jardins verdes nas coberturas;
- fomento à instalação fachadas verdes.

Para além disto, uma escolha criteriosa das espécies botânicas plantadas nas áreas verdes e sua identificação poderia dar origem a um parque botânico com interesse científico, sendo possível fazer a relação com a gestão sustentável da água, o desenho de cidades verdes e a arte temporária.

No âmbito da Faro CEC cada praça e jardim poderia estar associado a uma área geográfica e/ou objetivo

de desenvolvimento sustentável da Nações Unidas, sendo a sua interligação uma alegoria à necessidade de vencer as barreiras regionais e culturais, e de que um desenvolvimento sustentável só é possível quando todas as partes avançam a par.

artigo 03

Desafios futuros da cidade de Faro e ecossistemas envolventes no âmbito da CEC 2027: Natureza - Atividades sustentáveis - Arte - Para todos

Alexandra Teodósio

Nasceu numa pequena vila algarvia, rodeada de salinas e canais de maré. Desde cedo conheceu o cheiro da baixa-mar, e descobriu que esconde tesouros incríveis. Nos últimos 30 anos, tem sido professora/investigadora na Universidade do Algarve/CCMAR, estudando como alterações globais afetam a biodiversidade marinha. Por diversão, gosta de pintar tudo, desde móveis, paredes e até mesmo "pinturas a sério".

No sul da Europa encontramos a cidade de Faro, rodeada quer por um ambiente natural ainda bem preservado, como partes da serra algarvia com uma biodiversidade relevante, quer por um sistema lagunar costeiro, com uma qualidade ecológica excelente. No entanto, as ameaças globais a estes valiosos ecossistemas, que abraçam a capital e que lhe dão vida, são inúmeras. Um dos desafios dos próximos anos para Faro será conseguir desenvolver-se, recuperar economicamente da pandemia e continuar a suportar a qualidade de vida dos seus residentes. Para tal, estes ecossistemas naturais em terra ou no mar terão um papel determinante, suportando a agricultura sustentável e baseada em espécies diversificadas e adaptadas a stress hídrico, uma pesca e aquacultura inteligentes, com produções otimizadas e sem impactos no meio marinho, e até mesmo um novo tipo de turismo que sirva os residentes permanentes ou temporários e que eduque simultaneamente para a redução das ameaças e aumente a literacia ambiental sobre a importância desses mesmos ecossistemas para o pacto ecológico, aproximando o "movimento verde" das pessoas, o famoso "Green Deal". É necessário mostrar claramente, como as evidências científicas tão bem o demonstram, que já estamos na Era do Antropoceno, com plásticos impressos nas rochas ou à deriva no oceano, os eventos extremos cada vez mais frequentes, como a seca extrema que tanto aflige o Algarve, a tropicalização da nossa costa, o aquecimento global, o oceano acidificado e as novas distribuições de espécies, muitas delas invasoras. Para tudo isto, é necessário consciencializar de forma criativa os cidadãos, no seu conjunto, desta nova realidade ambiental e social. Para Greg Richards, co-inventor do conceito de turismo criativo, Faro tem um grande desafio, pois é uma pequena cidade à beira mar /ria que se quer tornar conhecida também por aspetos culturais. Se a ambição for grande (e novas ideias surgirem?), propostas

surpreendentes e impactantes poderão atrair cidadãos temporários, como turistas com permanências alargadas, estudantes e nómadas digitais.

Para tal, Faro Capital Europeia da Cultura (CEC) tem uma oportunidade de distinção que pode passar pela oferta cultural, não só no centro da cidade propriamente dito, como propõe Goran Tomka "UNESCO Chair in cultural policy and management- Belgrade, Servia", mas nos ambientes circundantes. Assim, o desafio poderá passar por darmos prioridade aos "parques naturais e aos visitantes", "aos canais de maré e aos mariscadores", "às zonas rurais e aos agricultores", "às ilhas e seus moradores que ambicionam o uso de energia limpa para todos", "aos centros de conhecimento e aos académicos e tecnólogos". Toda esta população não vive na zona urbana de Faro, mas ao seu redor e tem histórias valiosas sobre as suas atividades sustentáveis, que podem ser contadas e mostradas através de roteiros, itinerários, passeios terrestres ou aquáticos, exposições, concertos, festivais, palestras ao ar livre, yoga sob azinheiras ou sobreiros, paddle nos canais da ria, desportos abertos a todos, visitantes e residentes e, sobretudo, mantidos e desfrutados no pós-2027.

A nova iniciativa Europeia Bauhaus -"EU initiative New European Bauhaus" - que combina património cultural com uma nova forma de pensar o espaço exterior, a arquitetura, a inclusão e a sustentabilidade - deverá também ter em Faro um exemplo central do lema: "Belo, sustentável e para todos", ambicionando ser, já em 2027, com a CEC, um contributo na construção de um novo modelo de sociedade com pontes entre pensadores e empreendedores, entre cientistas e artistas, com vista à descoberta de soluções inovadoras para este problema da sustentabilidade, tão complexo, mas que permitirá salvar

o planeta. No seguimento desta análise, temos a proposta de espaços flutuantes para explorar a Ria Formosa feita por Jone Belauste Guigoitia Garaizar Architect -University of Navarra, University of Madrid e University of British Columbia. A atual pandemia e o confinamento fizeram-nos a todos valorizar muito mais os ambientes naturais, em especial a proximidade da água. Estudos ao longo dos últimos 10 anos têm demonstrado que passar o tempo em espaços "azuis," através do lazer e de atividades vivenciando o ambiente costeiro, melhoram diretamente a saúde e o bem-estar, combatendo a obesidade e os problemas de saúde mental, particularmente em populações desfavorecidas.

Histórias catastrofistas, que apontem sempre para um ponto de não retorno com cidades destruídas, terras secas e improdutivas, florestas arrasadas, de mamíferos a morrer nas praias, de ilhas submersas, não nos convencerão a mudar atitudes. É necessário identificar, criar e contar mais e mais histórias positivas, que conduzam à mudança dos comportamentos individuais. Poder-se-á atingir um Antropoceno com sociedades mais justas, mais prósperas, que poderão ter novas culturas, ordens sociais distintas, mas sempre com o respeito pela natureza que nos acolhe. O exemplo do negacionismo associado às alterações climáticas ou à pandemia COVID demonstra uma alineação dramática do ser humano. De acordo com Michal Hladký "Director of European City of Culture Kosice 2013, Minister of Panic (Vychodne Pobrezie)- Polónia" é necessária que haja oferta nas cidades na busca pelo equilíbrio e uma reconexão com o mundo real, não uma vida em bolhas digitais que cria fragmentações da realidade para cada um de nós. É necessário trabalhar a empatia pelo outro e pela natureza e a expressão artística num futuro híbrido, associada ao ambiente natural e à sua defesa, que tem muito para nos enriquecer. Em Faro temos, desde 2021, o

exemplo recente do itinerário Hippocampus “Salvaguarda do cavalo-marinho”, projeto desenvolvido no âmbito das duas obras de arte de grandes dimensões, 12 m de altura, construídas com lixo marinho recolhido na Ria Formosa por cidadãos voluntários, que visa reinventar locais de encontro e partilha de conhecimentos e incentivar as boas práticas, demonstrando que é possível promover a economia circular, admirando a estética deste animal marinho icónico e alertar para a necessidade de conservação urgente de espécies ameaçadas e incluídas na coleção de Bordalo II “Big Trash Animals Collection”. O percurso que liga as duas obras passa pelo parque natural da Ria Formosa, onde estudantes, residentes e turistas, tem disponíveis QR codes com explicação digital do ciclo de vida da espécie e as ameaças existentes, para o nível do cavalo-marinho e para o ecossistema onde ele se insere, como as pradarias marinhas.

O ano de 2030 está separado de 2027 por 3 anos apenas, razão pela qual é urgente, para que se atinjam os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 das Nações Unidas, tão comprometidos pela pandemia COVID, o foco individual e de grupo para o seu cumprimento, como nos recorda Mike van Graan “General Secretary of the National Arts Coalition -Cape Town- Africa do Sul. Para tal, temos muito que trabalhar na literacia ambiental e no conhecimento de exemplos sustentáveis de crescimento económico e, Faro e os ecossistemas naturais envolventes, bem como atividades que neles se desenvolvem, tem muito para oferecer na área.

Desta forma, a Capital Europeia da Cultura 2027 contribuiria também para uma redução futura da precariedade do emprego, relativamente ao turismo de massa, sazonal e com uma pegada ecológica enorme, como está patente na preocupação de Pascal Gielen

“Antwerp Research Institute for the Arts -Belgica”. Seriam oferecidos roteiros com atividades de natureza saudáveis, contrariamente ao tradicional turismo de sol e praia, com repercussões benéficas que o ar livre e a proximidade da serra e do mar propiciam e, em prol da literacia ambiental, identificados com os ODS respetivos e para a salvaguarda das atividades económicas e da vida na terra como um todo, a partir dos exemplos locais de CEC Faro.

Termino desejando que a CEC em Faro seja uma realidade em 2027 e que se materialize no sustentável e para todos, não esquecendo as pontes a sul com África e América Latina, que caracterizam a zona algarvia de onde terão partido muitos dos descobridores portugueses. Há cerca de 500 anos, daqui partiram muitos dos descobridores portugueses, e, mostrámos ao mundo que afinal existe um único Oceano que nos liga a todos. Atualmente existe urgência em demostrarmos que a sustentabilidade é o único caminho, que começa em cada um de nós e que deve ser mostrado e desfrutado por residentes e visitantes.

artigo 04

Faro: uma cidade apetecível

Manuela Rosa

Professora coordenadora do Instituto Superior de Engenharia da Universidade do Algarve. Licenciada em Engenharia Civil pela Universidade de Lisboa, mestre em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico (Universidade de Évora), e doutorada em Ordenamento do Território e Estratégias Ambientais (Universidade de Sevilha). Trabalhou, ainda, em design sustentável e inclusivo, em design colaborativo e em turismo acessível.

Faro tem todos os atributos para ser a Capital Europeia da Cultura em 2027! Capital do Algarve, no sul de Portugal, Faro fica numa área onde termina a terra e o mar começa. Foi sempre um território historicamente desejável, o que resultou numa transição do espaço e das comunidades e, consequentemente, das culturas. A diversidade é um fator que promove a empatia e a aceitação do que é diferente, contribuindo para a coexistência e gerando diversidade cultural. Há muitos exemplos desta tolerância em Faro.

A partir do século XIII, portugueses e mouros viviam lado a lado em harmonia. Foi aqui que no século XIV se estabeleceu a primeira presença judaica em Portugal. Em 1487, esta comunidade produziu o nosso primeiro livro impresso. Após a Inquisição (1536-1821), havia sessenta famílias e duas sinagogas. A importância da comunidade fez-se sentir até às primeiras décadas do século XX, de que é testemunha o cemitério judeu de Faro.

No século XVI, africanos ou seus descendentes (escravos e cidadãos livres) detinham grande importância demográfica. Integraram a irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que era conhecida pelo seu carácter aberto e não elitista. Há igrejas na cidade que têm anjos de raça negra, figuras escultóricas financiadas pelas próprias igrejas.

Associado a esta multiplicidade de comunidades está um património tangível e imaterial que garante uma identidade cultural definida. Sentimos isto em Faro através das lendas e tradições orais (belas histórias mouras) à arquitetura dos edifícios e às históricas muralhas da cidade. As cores das fachadas são uma herança do berbere (de África) e do mundo asiático (pós-Descobrimentos).

No início do século XVII, foi fundado o Colégio da Companhia de Jesus. Na década de 1840, foi lá instalado

um teatro de estilo italiano. O Teatro Lethes faz atualmente parte da Rota Europeia dos Teatros Históricos.

Apesar da destruição provocada pelo terramoto de 1755, muitos dos edifícios religiosos foram reabilitados. No século XIX, foram renovados e construídos vários edifícios de arquitetura civil e por isso há exemplos revivalistas interessantes de estilos românticos e góticos. Nos edifícios nobres, o gradeamento das varandas contém elementos decorativos feitos de ferro fundido. Na última década do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, surgiu em Faro o movimento Art Nouveau. Neste período, a burguesia e as classes de nobreza investiram nos seus edifícios através de pequenos objetos decorativos como forma de afirmar a sua posição social. Elementos florais e orgânicos emergiram então através da utilização de ferro forjado e azulejos. Esta tendência está muito presente em Faro, como se pode ver no Café Aliança (1908) e em muitos edifícios residenciais, com as tradicionais, coloridas e decoradas platibandas. Podemos ver a sua influência na calçada portuguesa, que é um pavimento de estilo tradicional feito com pequenos paralelepípedos de pedra dispostos em forma de mosaico. Décadas mais tarde, o Art Déco e o movimento modernista influenciaram a arquitetura dos edifícios, com exemplos carismáticos entre o Liceu e o mercado de Faro.

Esta é a imagem atual da cidade de Faro. E, além disso, há um belo ambiente azul, que se pode ver claramente ao sobrevoar a cidade. A ria Formosa é um ecossistema singular que contribui para o bem-estar de residentes e turistas. Dos telhados tradicionais é possível desfrutar desta paisagem azul e da luminosidade única que caracteriza a costa algarvia.

Todo este ambiente natural e cultural no espaço público convida-me a caminhar no meu dia a dia. Esta paisagem urbana encoraja-me a ser amiga do ambiente. As nossas investigações comprovam que a cidade de Faro é uma das cidades médias de Portugal com maior percentagem de ruas dedicadas aos peões. Caminhar é uma forma de aceder à cultura local. Na atual era digital, todo esse património único deve ter informação através de códigos QR ou da NFC, e os sites associados devem ser acessíveis a todos, considerando a acessibilidade web.

Nesta cidade mediterrânica, há um urbanismo de proximidade que permite uma mobilidade sustentável e inclusiva. As nossas investigações mostram que as distâncias entre espaços verdes, escolas, centros de saúde e paragens de autocarros e as nossas casas são pequenas. Esta cidade que pode ser percorrida a pé precisa que as pessoas deixem de usar os seus carros e, em vez disso, caminhem ou circulem sobre rodas (incluindo utilizadores de cadeiras de rodas), desfrutando da cultura presente em todas as ruas do tecido urbano. Um acesso universal a esta cidade, e à sua arquitetura temática, requer percursos turísticos inclusivos e vias para peões.

A regeneração urbana de Faro exige abordagens colaborativas que influenciem a construção da cidade que os moradores desejam. Uma cidade que pode ser percorrida a pé precisa da cooperação dos cidadãos nos seus estilos de vida. É necessário reabilitar o espaço público para as pessoas e, também, para a Capital Europeia da Cultura 2027.

Nasci em Alcobaça e cresci nas Caldas da Rainha, mas, atualmente, considero-me de Faro. Sou farense de coração.

Assim encerrado este conjunto de reflexões e perspectivas, estamos convocados a vislumbrar, com um olhar digno de Italo Calvino, uma cidade (in)visível em Faro. Questionemos, então, Faro 2027 como Kublai Khan questionou Marco Polo:

"Tu que exploras tudo à tua volta e vês os signos, saberás dizer-me para qual destes futuros nos impelem os ventos propícios?"